

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Nara Lúcia Giroto

CARMESIM

Porto Alegre

2011

Nara Lúcia Girotto

CARMESIM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva

Linha de Pesquisa: Filosofia da Diferença e Educação.

Porto Alegre

2011

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G527c Giroto, Nara Lúcia.

Carmesim / Nara Lúcia Giroto; orientador:
Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, 2011.
163 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2011, Porto Alegre,
BR-RS.

1. Escrita. 2. Invenção. 3. Realidade. 4. Ficção.
5. Pesquisa. I. Silva, Tomaz Tadeu da. II. Título.

CDU – 372.41/.45

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939
neliana.menezes@ufrgs.br

Nara Lúcia Girotto

CARMESIM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 15 de abril de 2011.

Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva – Orientador

Profa. Dra. Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan – UFRGS

Prof. Dr. Andre Pietsch Lima – UFPR

Prof. Dr. Roger Albernaz de Araújo – IFSUL

RESUMO

Veio do nada em direção à palavra, perseguindo os efeitos imprevisíveis da invenção. Lufadas de linguagem para capturar circunstâncias ínfimas, aleatórias. Exploração das potências expressivas apresentadas pela sintaxe. Nuances, estados sensoriais, sensualismos, cores, formas, sensações, impressões. Trama, teia de aranha, palavras no ar. Pesquisa no limiar entre o nome e a cor, a realidade e a ficção. Uma alegria: afastar o fascismo da palavra, ter um leitor que a leia para além da intenção.

Palavras-chave: **Realidade. Ficção. Pesquisa. Escrita. Invenção.**

GIROTTTO, Nara Lúcia. **Carmesim**. Porto Alegre, 2011. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ABSTRACT

It came from the void towards the word, seeking the unexpected effects of invention. Blasts of language in order to capture imperceptible, random circumstances. Exploration of the expressive powers offered by syntax. Shadings, sensorial states, sensualisms, colors, forms, sensations, impressions. Threads, spider's webs, words in the air. A research in the limit between the name and the color, the reality and the fiction. A joy: to banish the fascism of language, to have a reader who could read it beyond the intention.

Keywords: **Reality. Fiction. Research. Writing, Invention.**

GIROTTTO, Nara Lúcia. **Carmesim**. Porto Alegre, 2011. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SUMÁRIO

CARMEM LISBOA TRINDADE, QUEM?	13
CARMEM, CALMA, ESTAMOS RASTREANDO SEU SISTEMA NERVOSO DIGITAL	25
CARMEM, AS TUAS PALAVRAS TÊM A COR DA MENTIRA	37
CARMEM LISBOA TRINDADE, <i>DAS ES?</i>	49
CAR-MEM, COM M (EME DE MEMÓRIA)	61
CARMEM ÀQUELA QUE DANÇA?	77
CARMEM, DE BIZET?	88
CARMEM, TU?	107
CARMEM, EU?	119
CARMESIM É UMA HISTÓRIA VERÍDICA?	131
CARMEM E A MORALIDADE DO MUNDO INUMANO	145
REFERÊNCIAS	158

]— CARMEM LISBOA TRINDADE, QUEM?]

desligou-se, por não encontrar dois segundos de silêncio na televisão. A manhã trouxe uma luminosidade dourada para o inverno e ela disse, ao despertar, o dia está lindo e isto basta - tomada de gratidão - em gesto singelo acionou a máquina fotográfica.

o traço de luz não se fez. Retirou as pilhas, preservando todas as ausências da imagem.

no meio da tarde, nuvens pretas e brancas.

um segundo de luz,

outro,

a chuva hostil precipitou flores.

com restos de frontal na língua reeducava os mecanismos perceptivos, tendo vertigem como reação adversa. Os homens não desejam a mesma coisa, “cinco acres e uma vaca” pensou alto com voz pastosa.

sem ânimo perguntava sobre o uso do computador, da saúde e das normas,

de cessar a medicação sem informar o médico.

singrava num copo de mar e, no espaço exíguo da cozinha, o molho de tomate era congelado em cubos na fôrma de gelo, o pão, as fatias de carne mal passada.

longe, os cães.

ninguém escutou o palrar dos signos, o corpo arrebentar feito corda de violino.

revelava na umidade dos olhos, na ponta do nariz a dor da despedida. A luz do sol coada pela vidraça iluminava o corpo exposto naqueles minutos de fragilidade. Uma pausa para os doze anos de coluninha hirta, muito vocabulário, gestos determinados. cessou ao mesmo tempo a música do quartzo rosa, a pressa, os papéis, as decisões.

o tempo fizera pequenas gretas na rigidez da terra, agora amolecidas pela água, férteis para um novo começo.

chegando em casa abandonou o presente ao lado das flores quase murchas.

ela pedia sempre o mesmo café. Restavam, no fundo da xícara, três colherinhas de espuma. Sorveu uma após a outra, lamentando o pouco isolamento das casas para o inverno e para o verão.

são as nossas habitações que precisam estar vedadas, não as nossas bocas, dizia em tom de protesto. Uns lucram, outros perdem. Soou enfático demais, por dizer o que todos sabiam tremendo ou suando.

com os olhos sem brilho e as mãos segurando o vazio pediu café expresso manchado de leite. Fez uma brincadeira de adivinhas consigo mesma: se o *macchiato* viesse com desenho de cão, o homem bonito de cabelos prata colocaria seu príapo somente na mulher.

fantasma, no homem e na mulher.

flor, somente no homem.

longe, os cães.

perto, a corte dos califas de Córdoba.

outro homem, de olhos negros e tristes, voltara do país materno pilhado com o desânimo generalizado. Saíra por falta de emprego, voltara pelo mesmo motivo.

esquecera que estava sob o fio da navalha, de um lado o inferno, do outro o averno.

— tudo muito negativo.

dissera fazendo uma careta.

espuma cor malva no fundo da xícara. Na boca, um gosto mais azedo do que amargo.

fisgadas na virilha fizeram-na pedir água para amenizar o desconforto. Quando chegou em casa teve certeza de que deveria procurar um médico. A consulta resultou em hospitalização imediata para uma cirurgia de emergência.

sugada por um buraco branco assustador, adormeceu.

entreouvindo vozes, sentiu-se fraca, num quarto de frieza sideral - queria estar em casa para tomar chá com torradas, trocar as flores do vaso, dormir na sua cama -. O que fazer senão pensar; tinha medo de pensar e se tudo estivesse muito triste. Estava paralisada com a falta de vedação das casas para os dias frios e quentes.

— intempéries feitas de espera.

num golpe de susto e solidão a porta do quarto abriu-se para os procedimentos. Paciente, entregou-se aos cuidados, tendo uma sensação entre o medo e a humilhação.

trinta dias após a internação, ainda um pouco abatida, procurou uma benzedeira. A quarta reza, para seu espanto na sala de imagens católicas e umbandistas, seria para suas roupas íntimas. A velha

senhora, segurando a caixa que trouxera de casa, muito concentrada, rezou e benzeu. “Como não sabe? Os homens não dissimulam o desejo, as mulheres tendo esta verdade crua como orgasmo na cara, querem enfraquecer o teu sexo”.

a máscara do rosto disse: beligerante.

sendo a mulher mais dissimulada que o homem, o olhar malévolos da zíngara machucava a pele como espinho. Vinganças consumadas à espera de sua hora.

a mulher tatuada não confrontava, apenas lamentava ter que cruzar no prédio com pessoas estranhas - excessivas, definiria melhor aquela gente -

tinha a louca dos gatos, dos cachorros, da ciumenta de marido, o louco do carro, do som alto, das correspondências e tinha aquela que a chatice ficara trancada no apartamento. Era a louca da casa.

longe, a neve nas estátuas medievais.

perto, os sinetes otomanos.

conteve a custo o bocejo, sem os óculos, não queria perder nada da leitura embaçada.

o olho humano, considerado primitivo quando comparado a outras espécies de animais, torna-se pior com o passar dos anos.

a imaginação e a luta corporal,

pintar sem usar as mãos, os olhos, deixando o instinto trabalhar.

galo com tinta vermelha nas patas caminhando no papel de tinta azul.

folhas de bordos avermelhadas pelo outono sendo levadas pelas águas de um rio.

não ria, a vida das formas é mais complexa do que parece.
o vento frio vitrificou o olho na entrada do museu.
ver de novo, esquecendo as folhas outonais.
tem um terço menor de sinais elétricos no nervo óptico, por estar
muito triste,
gritava,
para não ver o mundo nos tons gris.
um segredo,
outro.
a neve precipitou nuvens.
no vapor branco, nuvens agitadas como pássaros perdidos.
a tristeza não mora sozinha. Ser, então, uma andorinha cega com a
asa quebrada.
todas as conversas terminavam assim: inconclusas.
o algodão no cinza, dos pássaros ao vaso japonês com crisântemos
melancólicos.
a imaginação trabalha cometendo enganos.
— ela sempre quis ser alguém, mas devia ter sido mais específica.
estava atenta as abelhas inofensivas que vagavam pelo jardim e nas
tílias cheias d'água.
ela tinha uma energia sem direção que encantava e amedrontava as
pessoas.
se perguntassem o que colocaria nas mãos que seguram o vazio
teria a resposta lúcida das crianças.

ele, duplamente pai, externando momentos de juventude para eu brincar com os restos de madeira do telhado. Vínculo das videiras novas com as videiras antigas na quietude da terra.

música das tesouras que podam.

grito de quero-queros, cortante como lâminas.

treliça para as ramagens e para as pequenas mentiras femininas. Não se abster de encerrar o que um dia se iniciou. A videira está pronta e a criança espera terminar a longa jornada de trabalho. O dia termina; não a lida buliçosa da casa. Ela está sozinha com a música, as cores, os odores.

finalizar com o mesmo ímpeto e força do começo, colocando cada coisa no seu justo lugar e concluir que não poderia ser de outro modo.

o vinho carmesim espera.

longe, a estátua de Atena de Fídias.

perto, a estátua de Atena de Alcámenes.

o homem próximo e distante da mulher. Segredo de alcova:
dormiam em camas separadas.

ela sempre gostou de realizações corretamente pensadas e tudo estava centralizado no trabalho. Ele queria ficar com as mãos vazias.

a vida, dizem, contém uma mentira ancestral,

sendo prudente produzir uma anamorfose da realidade para continuar a espera do fim.

convocar a jovialidade perdida, interrompendo à espera da cor.

um ruge-ruge inquieto cessou o silêncio da noite. Palavras ásperas, ácidas, movimentos ruidosos, sons cortantes. Depois de uma trégua agridoce, tudo de novo.

vermelho veneziano.

azul prisão.

no fio da navalha, de um lado o inferno, do outro o averno.

nu frontal, canículas selvagens, purgatórios.

jaldes chamadas nos mapas cromáticos de Giovanni Battista Della Porta,

ondas de azul metálico de corpos celestes no espaço e tempo siderais.

outra tempestade de areia - os corpos difamados, lenhados - criadouro de cobras, beberam-se e no branco leite e adormeceram.

ambos penduraram os bens do inimigo vencido no cabide. Os vincos das roupas pretas não cediam ao ferro a vapor. Sacar a carteira de cigarros. Fumaça.

gotas de realidade de sabor particular no jogo das paixões. A qualquer hora, nos lugares menos prováveis, os animais mostram-se temíveis, mortais.

sandices televisivas, privadas e públicas.

a comitiva presidencial foi recepcionada, entre outros, com um banheiro químico forrado de rosas.

o róseo, assim como muitas outras coisas, não depende em nada da política. Uma ilusão óptica dos mapas cromáticos.

a neta convoca seu robô, para afugentar os vizinhos invasivos.

o incômodo apagou-se um após o outro e a noite, aos poucos, voltava ao lençol azul desmaiado.

mergulhada em sono profundo acordou bruscamente e ficou em pé em cima da cama para acender a luz. Uma cobra fria como uma pistola de prata estava estendida sob as suas costas. No cerne do drama, a noite de inferno.

lamentava não estar na estação estival para tomar um banho, sair do quarto para a sala, tomar sorvete, assistir televisão. Sempre depois do pesadelo tinha que enfrentar longas horas de insônia. Eram três horas e vinte e oito minutos.

assim como um cachorrinho branco, de olhos arredondados, coleira escarlate pode repentinamente, sem fome, abocanhar um pássaro mostrando sua faceta indomável, a mente mergulha no seu lado sinistro.

o sonho anterior, de dois meses atrás, tinha sido plausível comparado com esse último, apesar de menos violento. Acordou no mesmo instante do bote da cobra longa e gorda que estava enrodilhada no canavial. A refeição fúnebre, de uma gota de sangue, fora no dorso da mão. A cobra que estava no dorso das costas, por não querer sair do lugar escolhido para hibernar dilatava o tempo num pavor sibilino, frio.

parece existir uma relação entre o sono e o quarto, como se os sonhos, os pesadelos tivessem uma relação com o lugar. Neste, da sua casa, a insônia era precedida de um pesadelo com o réptil de temor ancestral. Quando dormia em quartos dos seus familiares,

sempre tinha insônia. Breves, medianas, demoradas, as esperanças variavam e angustiavam.

em quartos de hotéis, quando se lembrava do sonho, o conteúdo recorrente era uma situação banal, sem nenhum motivo aparente e justificável, provocar mudanças bruscas, irreversíveis.

na fraca luminosidade do alvorecer, como mãos frias de um cadáver, adormeceu mudando a máscara do rosto.

na manhã seguinte finalizou o livro de capa com retrato de cobra, dorso nu de mulher e palheta de pintor. Livrou-se da fotografia, mas não dos fotógrafos.

logo após ter recusado depoimento filmado sobre o artista da noite, houve pedido para ser fotografada. Quando consultada, consentiu com a imagem, sem saber ao certo da qualidade, para voltar ao assunto com amiga interrompido, livrando-se do importuno.

o evento, animal abatido pelos chicotes de luz, acabou antes do fim. nos dois outros, o mesmo.

o homem de paletó preto, que filmava mulher de máscara veneziana, roubou a cena por estar fora da anotação.

não lastimaria mais a falta de registro fotográfico da infância.

teria na mente quadrados vazios, numerados de um a quatro, oportunamente, quando quisesse, comporia uma imagem para cada idade. Qualquer coisa ubíqua, simples poderia acionar a imagem em direção ao comum, ao profundo.

a mente ficou à deriva,

menina de rosto afogado e sardas no chafariz.

mais equivalentes,

algo visível na mente,
o fotógrafo, pretendendo ser conceitual, uniu beleza estética e
denúncia social registrando os objetos apreendidos pela polícia.
“Escolhi a árvore para ocultar o bosque”.

na dupla captura,
armas, no carrinho de supermercado,
pássaro azul, na arara.

alargava o tempo, compondo uma imagem vinda do espectro vazio,
copulavam o homem nu e o escorpião,
chicotes libidinosos.

duas mulheres fecundadas, com a diferença de quatro semanas.

o eclipse, depois da notícia,
permaneceu com a r espiração contida, tremor pálido, coração
palpitando, segurança e calma aparentes, por não estar fertilizada.

cuidado, crescem nelas a vontade de mulheres cúmplices.

quietou-se ouvindo o uivar, o choro e o gargalhar dos chacais.

o acontecimento na sua solidão e individualidade, extremosamente
depurado e ao ser consultada sobre filhos, como se ela expusesse
circunstâncias atenuantes na frente de um juiz, meneava a cabeça,
falava do afeto pelos sobrinhos, nada sobre-humano, como se
imaginava, resultado do jogo do acaso, lance de sorte, de azar -
medo na voz interior, depois alívio -.

a palavra sorte ganhou um significado especial e como toda a
realidade, muito mais simples que a fantasia. Simples como precisar
de luz e no caminho encontrar a palheta mediterrânea: ocre, verde,

azul. Escutando o contexto descobriu a cor local da situação, a mulher não tinha um desejo forte; estava embarçada.

bolhas de ar subindo, o corpo descendo. Encontrar o silêncio do mar na voz interna. A solidão e sua individualidade. Capturando o impacto cromático sentiu falta de ar nos pulmões e na superfície, num átimo de segundo esteve ao mesmo tempo na chegada e na partida.

o ar fez doer os pulmões, primeira ofensa humana.

cantar distendendo as vogais, figurando o mar quebrar na areia.

nadou antes das,

quatro horas sem luz e todas as necessidades abortadas repentinamente. Deixou o carro na rua, por não conseguir acionar o controle. Não houve tempo para expor suas falhas no breu da noite. Adormeceu esperando, agradecida pelo cansaço.

depois que tudo ficou às claras, colocou uma lanterna com pilhas, num dos quadrados vazios da mente, noutra, fósforos para a vela.

sem planejamento, antes do café da manhã, numa disciplina aflitiva saiu em busca de um mecânico, que consertasse os ruídos estranhos do carro preto.

anéis para o cano de descarga.

como as feras que vivem no frio abrasava, serena.

com a conta nas mãos da mulher esguia, degelo.

deixou sair, pelas ventas, o que lhe fervia no íntimo.

é a força da natureza, água barrenta, tremor, fogo.

— Por quê?

sem alegria, longe de casa, por estar com medo de morrer, vomitou um longo poema sujo.

espiava torto, sutilmente, para a su a própria natureza. Sabia aguentar os reveses, as mazelas, o lodo, o fogo, a vertigem. Era de sua natureza esperar, com intervenções brandas, o cavalo aquietar-se, aceitando outro instinto. Mesmo com os lábios exangues, aproveitaria um fiapo de chance favorável para domar, em outra direção, a poeira que deixa os olhos vermelhos, quase lacrimejantes.

era uma lembrança do presente.

a mente adivinhava o porvir,
o corpo do animal não mente,
mente?

]— CARMEM, CALMA, ESTAMOS RASTREANDO SEU SISTEMA NERVOSO DIGITAL[

um microprocessador para monitorar as informações químicas, como já expliquei anteriormente, vamos obter o diagnóstico certo para prescrever precisamente seus remédios; este chip de DNA é a última tecnologia disponível. Vamos, ainda, detectar suas doenças antes de aparecerem os sintomas.

enquanto esperava o remédio ser manipulado com as técnicas recombinantes pensava nas prisões escolhidas por ela mesma sem muito avaliar. Não queria sofrer, o que era verdade, o que não significava querer dilatar a morte numa longa vida de eco e abismo, perfeitamente integrada ao microprocessador,

sem a materialidade da receita,

das doses via oral,

desconhecendo a sequência dos processos,

suspirou um sim,

um não,

para a mulher de aço cirúrgico,

no braço esquerdo,

excitando o homem com sua beleza maquinal.

por ter um mais,

de informação no código,

sem abandonar as fraturas emocionais,

inventou uma experiência indeterminada,

esticando a pele do cotidiano,

com a linha do vazio.

numa aparente simplificação, sem repetir o discurso tangível e imaterial,
da boa forma física do corpo médico e legal.
os obstáculos e as regras,
tintas confusas de um quadro inverossímil.
a alma liberta-se da prisão do corpo,
antes e além do tempo humano.
para o sistema de decisão não entrar em colapso,
eliminar da condição humana, as contingências,
manipulando os dados de acordo com as preferências do consumidor de lama antioxidante.
o desenho, um exemplar quimérico,
do homem incompleto, do arroz, do coelho fluorescente,
saltitando a barreira das espécies.
a colcha de retalhos transgênica embaralha
com as ferramentas bioinformáticas,
o jogo das trocas ônticas.
um gene de flor, um vírus, uma leguminosa,
uma bactéria,
segue a transmutação das matérias vivas,
codificadas para gerar um sopro incerto.
no caminho da pós-evolução ir
retardando o envelhecimento,
desativando a dor,

as doenças,
a morte.
com um suspiro temporal, voltou-se à sua auto modificação em
curso, pois seria um fracasso permanecer nos limites do biológico,
para ajustar seu psiquismo, quase sem palavras, submeteu-se a
terapia,
corrigindo o erro do código genético.
domou-se, enfim, o Cronos ensandecido,
a modelagem,
trouxe a melodia do tempo real,
a fusão de momentos em progressão,
marcando o tom de todos os tempos,
no ritmo da música tecno,
encarnada na vida libertou-se do tempo colado,
a dimensão prática,
colonizou a relação amorosa com outro ritmo,
produzindo uma demora,
ao deixar o sorvete de uva,
liquefazer-se,
naquelas atividades onde o tempo
não se perde,
criando, sem pressa,
um jardim sonoro
para as flores do
mal,
projetado.

os últimos raios convertiam a luz em sinais elétricos, estimulando
as células saudáveis da retina,
um pouco antes de alcançar o segundo posto em direção ao cume,
perdeu as flores brancas da neve,
livrou-se dos equipamentos externos para atravessar a m atéria
noturna.
no frio das esfinges de gelo,
com a sorte de ter acertado no mais alto grau da loteria biológica,
com o microchip do globo ocular recarregado,
continuará a escalada com óculos micro câmera.
o registro das respostas do corpo,
maquinando o enigma do monte Sarmiento,
coagulavam flores brancas no olho que pisca e volta a se fechar
para os avanços físicos e psíquicos,
empurrada pela sobreposição dos atos alheios na sua
individualidade, no visível esquema de uma composição oculta,
seguia apostando nas leis da causalidade,
as outras ordens, que escapavam aos nexos causais,
rasgavam, com as pegadas, a estrutura de cristal com a rosa dentro.
para compensar a ausência de outros animais,
na perspectiva de um condor negro,
visitou o branco cal abandonado,
sem conseguir comparar as rochas com uma figura conhecida,
pousou no fato de a morte estar esperando,
bem equipada,
o melhor dos personagens,

no chão ensaboado da descida veloz, branca de susto,
soube, sem se animar a olhar, que ela mesma estava caminhando ao
seu lado,
o corpo, ritmado pela pulsação,
percorria o fio da navalha,
de um lado o inferno, do outro,
o calor do inverno.
a estranheza, enfim, cedeu.
buscava as causas, era inacreditável, ser o remédio para o resfriado
o motivo da alucinação,
sentindo-se estranha, logo depois,
disse a si mesma, precisava se adaptar,
ir em frente,
foi um desatino, não ser avisada dos efeitos do ácido lisérgico.
ela acreditava ter um exemplar homônimo,
não um duplo, seria o mesmo que enxugar gelo,
pesquisar.
poderia estar morto e não ter deixado obra,
como Poe permitiu Baudelaire,
dar continuidade no tempo,
no balanço do verso,
no frio do espelho,
o ser estético,
violar
as leis do presente.
o acaso tornou-se uma palavrinha suspeita,

quando partiu de Buenos Aires para encontrar-se com escritor em Paris,
escreveu carta para comunicá-lo de sua estada na cidade e desejo de vê-lo,
ele, por estar na antevéspera de viagem de três meses, respondeu não ser possível vê-la, apesar de saber que sofreria com resposta, supondo ela querer o encontro nas circunstâncias atuais: um tipo de *rendez-vous* rápido em um hotel qualquer seguido de uma nova separação. Postou a carta, que seria recebida no dia seguinte.
naquela noite, antes do encontro com amiga para jantar, atenta e desatenta no metabolismo da cidade afastou-se muito do lugar combinado.
lá pelas tantas, numa determinada esquina, uma esquina bastante escura do Quartier Latin
cruzou com um homem alto,
— não sei por que nos voltamos e nos olhamos,
era ele.
— se isto fosse tudo, poderia ser dito que uma série de combinações nos levou a caminhar,
no anoitecer das luzes,
naquela direção e a nos cruzar exatamente naquele ponto,
inacreditavelmente, tinha sido muito próximo daquela esquina, a decisão,
uma mudança de ser,
mais do que de sexo,
fez acontecer o improvável

repetir-se

uma vez,

outra.

com nervos superexcitados,

reunindo à sua com a coragem do amigo, até ele desmaiar no sofá,

bem o meio da operação,

imprudente, talvez,

o problema no joelho atrapalhava os ensaios,

os compromissos agendados,

o bruxo, que praticava medicina alternativa no exterior, fremia o lençol verde folha.

entregou-se, depois de meses de sofrimento, à contingência,

colocando-se no lugar de uma personagem destemida.

pediu trilha David Lynch,

com uísque.

— a única coisa que você precisar fazer para mim; é dançar depois que tudo estiver pronto.

a personagem que estava no seu corpo respondeu afirmativamente com a cabeça.

— a alma habita um quase ponto onde o eu se decide. Você quer nascer de novo?

sim, disse, enquanto a personagem localizava a alma na glândula pineal e ela,

no plexo solar.

depois de um longo gole no gargalo da garrafa, falou de magia branca, meio grogue, em transe.

se não há mato, não há candomblé. Estava em dois corpos naquele momento e não sabia dizer o que o candomblé tinha haver com os procedimentos. Tudo o que ele usava estava de acordo com a medicina, sentia os eflúvios penetrante dos remédios.

enuviada,

no miraculoso sono, descansou.

depois, como havia prometido,

deixou os movimentos abrirem-se em composições,

longe daqui, aqui mesmo.

ela temia que suspeitas viessem à tona a qualquer momento,

a morte do casal não foi natural,

uma intuição, que decidira não compartilhar com ninguém,

não queria acender uma fogueira de dúvidas, melindres,

seria impossível investigar as cinzas, o mais sensato seria esquecer

os fatos, mas como ficar só para si, sem partilhar tantas evidências,

o intervalo de quatro horas entre as mortes,

ela morrera às vinte e duas horas, ele às duas.

com as flores, as velas, o suco de maracujá

teve outro pressentimento,

o casal, como último ato, trapaceou os envolvidos,

desligando-se da vida,

sem deixar vestígios,

desidratados.

um duplo e longo suicídio

e as redes da investigação médico legal

nada souberam da trama.

nus no espelho,
os gatos bebiam
línguas de água
mineral.

— não sei quantos milhões de anos duram as estrelas, nem quero saber, o que eu preciso é sentir esta luz matinal na minha sala, quanto tempo vou ter com teus olhos azul turquesa, a duração deste filme com o gatinho no meu colo dormindo.

por vinte dias o casal recordou
viagem à Fernando de Noronha, em avião monomotor, com casal
de amigos.

no ar, sobrevoando o pantanal,
ele retirou a aliança do dedo,
jogou fora o casamento sem descasar.

o ato a fez parar de reclamar das filmagens.

— um peixe físgou o ouro, por ele ter feito o mesmo barulho do
coco de buriti caindo na água.

— caiu num charco de vitórias régias,
disse logo depois de ouvir atentamente a história do peixe.

dois metros de
cinturão verde

nos olhos quentes de água.

as plantas mostravam lá de baixo,

os diâmetros incomuns

do ser fechado nos espaços de ar livre.

a baixeza começou do alto,

as linhas,
de Mira Schendel,
na maioria das vezes,
apenas estimula o vazio.
mas eu não sabia,
meu deus do céu,
da soma branca de todas as cores.
do nada,
nada para o centro, um ser
outro.
cardume, multidão,
matilha de cimento branco.
a cultura, emissão de regras,
tornou-se acromática.
começo, pela exceção, da fugacidade
expansiva.
por último o branco da China,
ouviu-se os harmônicos mais agudos da nota “si”.
quando atirados na terra, no ar, na água,
sustém um sopro
de uns vinte, trinta minutos,
ou mais,
depende do gosto e dos vinténs.
na dissipação do branco fugaz,
o cardume,
azul cinza,

vermelho rubi,
amarelo Pompéia,
branco marfim,
salmão.

]— CARMEM, AS TUAS PALAVRAS TÊM A COR DA MENTIRA[

ela constatou que ele mentira,
quando disse que chorara ao ver, pela primeira vez,
o Uruguai,
com o dourado nos olhos,
nas mãos,
os pescadores conversavam
no rio barrento e de correnteza forte.
nos longos anos na casa barco,
conheceu as águas e as mentiras,
fiscando o comportamento dos peixes fora da água.
pétalas brancas e azuis a Nossa Senhora dos Navegantes
pousavam
nas pregas flutuantes.
mergulhado em si mesmo,
o homem-rã vasculhava o leito do rio,
enquanto as forças das águas passavam
prisões eram executadas na fronteira.
pessoas esperavam
não se importarem com a farinha do padeiro,
as balsas de madeiras chegarem ao destino,
o jovem vir à tona.
depois de a seca,
mostrar os paredões de pedra do rio,
e os estragos da enchente,
ninguém percebeu as lágrimas,

no branco cinza da neblina,
outro domingo,
alegre nas águas.

no passado,
mais ou menos cinquenta anos atrás,
a pobreza da capela combinava com o lugar,
as pessoas, diante da escassez, tinham fé na superação.
a devoção era crua, singela e pobre.
em Santo Antônio,
os gestos viajaram no tempo,
uma amiga, desconhecendo o legado,
trouxe uma medalhinha do santo para acompanhar prova do dia
seguinte,
era seu pai,
que estava distante, fazendo chegar à lembrança da fé,
a criança amparada no colo.
quem sabe não fala,
do mistério sem deus.
quem fala não sabe,
explicar a inclusão,
na formação médica, de procedimentos místicos.
uma legião de convicções,
alimentam a passagem.
depois da ponte

do rio espraído,
o terreiro do pai Agenor
fez o conhecimento profundo
transformar uma coisa,
em outra.
no tronco de pau ferro,
surubi,
cabeça de boi.

os homens disfarçavam as intenções,
em duas investidas foram arrastados,
na quinta tentativa mal sucedida, preocupação.
num golpe de sorte, o laço no pescoço,
com movimentos sincronizados,
os homens agarram o erro da cabeça,
a facada certa trouxe longos minutos de respiração ofegante,
jorram litros de sangue.
humana,
o lento respirar angustiava.
— Carminha sai daqui, berrou o pai,
no piso de cimento e pedra, embaixo da árvore.
a retirada do couro mostrou um tecido fino e branco,
encobrendo a cor dos músculos,
a serra, que não era elétrica, exigiu revezamento dos homens,
a roldana dos ganchos subiu as partes separadas,

arrefecendo, com o vento frio da noite,
o cenário
da pastora pedindo ao pai que deixasse
o vacum morrer de velho.
alguém retratou a redução do homem à sua condição única de
animal,
não sem medo,
pavor,
assombro.
recusou a tela,
com o verde entristecido pelo cinza,
ser cremada,
junto com o seu proprietário.

Carmem e seus irmãos tinham medo da onça que rondava a casa à
noite.

os gritos dos leitões,
cada vez mais frequentes faziam
qualquer barulho,
os estalidos dos pinheiros,
o vento minuano nas choças,

os cães,
correr as crianças à janela.
no dia marcado, os homens reunidos no alpendre, com as armas,
tomavam largos goles de aguardente,
quando saíram para o descampado,
cresceu, dentro de casa,
o canto deprimente das cigarras.
mesmo entretidas no faz-de-conta da caçada vitoriosa,
bem antes dos caçadores voltarem, todos dormiam.
o dia amanheceu chuviscando, brumoso,
com os homens no galpão,
as crianças, receosas,
seguiram os cheiros, das flores,
das frutas, do couro, da madeira, dos limoeiros,
dos excrementos da vaca,
da onça, de cara no chão, no curral.

naquela manhã pura,
límpida,

a médica do posto de saúde,
fez murchar a florzinha na mão da menina,
sonolenta.
buscava um segundo parecer,
da prescrição.
o diretor da escola sugeriu mais,
cuidado com o cachorro atropelado por sua camioneta.
ela reagia agressivamente, quando os colegas faziam
malinagens,
com seu jeito de falar.
disse, agindo depressa demais,
— tenho medo de remédios piores que a doença,
das sílabas incompreendidas,
das vogais cuspidas,
de não ter um copo de mar para navegar,
deixando cair o vazio da cabeça
no caderno de leituras,
no olho do furação,
um furtivo momento de paz.
comeu amoras frescas para manchar a língua,
era uma cor perfeita,
para desenhar
um gato
morto
na cabeça,
que não dormia.

independente do clima, da atmosfera, do humor,
começava o dia exclamando a frase:
— que dia lindo para trabalhar!
era assim, com sorriso discreto, um pouco irônico, que reverenciava
a disposição inabalável do pai,
o sol inflamava, coincidentemente, dia magnífico.
na tela azul, janelas fechadas para a luminosa frescura matinal.
seria uma anátema,
as mulheres vítimas preferenciais dos técnicos.
escutou atentamente,
sem opção, a escolha consumada.
a renite do homem que consertava a máquina,
acentuava sua beleza lupina.
as palavras saíam
escandidas,
men - ti - ra
ela respondia na voz interna,
quis, como defesa, assustá-lo com pergunta fora de contexto.
disse, à queima-roupa.
— qual é a cor perfeita para pintar um terno cinza?
é esta poeira, que está aí, por toda a parte,
na ventilação.
com olhar perplexo nas costas
saiu para buscar o butim,
não entregou cheques de
men-ti-ra, desta vez.

de cabelos encaracolados,
lisa de recursos,
atendia os clientes apressados.
ao levar os pacotes de uma cliente até a porta da loja,
encontrou um embrulho pequeno,
amarrado com dois atilhos amarelos.
entregou o velame ao gerente da loja, recebendo deste a promessa
de ser dela o dinheiro, se ninguém o procurasse até o fim do
expediente do sábado,
seria perdoada, quem visse sua tristeza delicada, desejando ter o
dinheiro para visitar a mãe na cidade vizinha.
dispondo as caixas para a cliente indecisa
ficou nuviosa,
ao lembrar-se da trouxinha,
parecendo ser de alguém muito precisar.
um assalto a loja trouxe
o eclipsar da venda,
em proveito da conversa,
registro policial com muitos depoimentos.
a retomada do episódio,
abrandava o medo,
avançando à tarde para o fim.
sem almoço, apreensiva,
sentia como se estivesse numa caverna escura e úmida a setecentos
metros de profundidade,
a solução,

uma cápsula engolida,
antes do fim,
a recompensa
da espera.

fora e dentro do sono,
o café, o jornal,
os sinais.

com muita calma, como se fosse um filme, viu o jovem aquecer a
comida no micro-ondas,

tomar banho na suíte do casal, trocar suas roupas por outras, ir
embora sem bondade ou maldade.

a invasão atroz,

do hóspede invisível,

trouxe palavras,

sem meia dosagem, um sulco para facilitar a divisão.

o jovem vagabundo,

fritou ovos, carne e tomou cerveja à vontade.

o ladrão folgado,

deixou roupas velhas, excrementos na lavanderia.

um suspeito, já denunciado à polícia,

tomou quatro iogurtes.

as vítimas indicaram quem seria o criminoso,

da produção dos dejetos humanos.

perguntou,

o que quer o bárbaro mal dito,

o leitor, esgotado.

o cabelereiro jactava-se,

enquanto ela retirava as argolas de ouro para lavar e cortar os cabelos.

uma chuva inesperada,

corria no carro e na bolsa sobre a cabeça.

em casa,

elo solitário.

o tempo era um problema urgente,

a chuva estilhaçava os minutos,

num só lugar para chegar.

vertigem,

zeros, fechando-se no nada,

do portão da garagem,

a mão pousa na roda,

metálica e fria.

fugir, para não ser fisgada,

com pequenos anzóis sorridentes.

no retrovisor,

os cabelos desalinhados,

os aros

balançavam perto do olho

zero,

à esquerda,

à direita do espelho.

um espetáculo,

a bailarina experiente,

aflita,
no ardil jogo com o tempo.
a velha Carmem,
insurgente,
dançou com chapéu preto,
um texto sensual no branco da página escrita.
para salvar a pele,
labaredas de fogo,
ondas de água,
dobras de vento.
a expressão de medo tangenciou a comédia do drama,
uma atmosfera burlesca embriagava os
silêncios e as velocidades.
a bailarina e o mundo,
cada qual com sua manha,
deixavam uma inscrição fugaz
do vencer
com graça,
o perder do salto.

]**— CARMEM LISBOA TRINDADE, *DAS ES?***[

não acreditava na mudança inteira da personalidade, nada retirava os traços dos padrões sedimentados nos tijolos dos anos. Com esforço, interrompe-se o mecanismo, evita-se o desastre, porém ao menor descuido tudo de novo, outra vez. Costumava ser reticente com “sou outra mulher” e continuaria convicta neste procedimento. As mulheres não sabendo outro modo de se defender do mundo, imprimem nas relações impertinências de todas as ordens. Aquela velha senhora no salão beleza, insolente, de difícil agrado, foi moça, noiva, mulher, mãe, certamente mais exigente do que simpática.

o mais adequado seria dizer que as mulheres são diversas e que entre elas existem um bom número de maçantes. Obviamente, as mulheres não são uniformes, mais se diferem do que se parecem, contudo, quando observa as rabugices de um grupo de mulheres idosas serem tão similares, não consegue validar o que o bom senso indica pensar.

rompeu o sobrescrito da caixa, estava nervosa, quase perdeu das mãos o comprimido,

aquineton, ao lembrar-se das tagarelices insuportáveis da mãe, contando todos os pormenores do seu sofrimento, bem sentada no jardim ensolarado, esperando o árduo passar das horas.

acreditava cada vez menos no rompimento das formas herdadas, por isso começou a contabilizar no relógio o quanto ela própria conseguia ficar em silêncio, escutando suas próprias inconveniências.

rompeu o sobrescrito materno mexendo no barro, com mãos silenciosas.

queria cessar o automatismo dos funcionários da fábrica, diminuindo os acidentes.

soube de oito pontos no ferimento, do homem que desligou a mão da mente.

propôs o barro.

onça vermelha,

figuras mascaradas.

procurava atenta um gesto, que individualizasse o gostar dele nela.

O modo como tratava as amigas, as funcionárias, as irmãs era similar ao jeito de como ele expressava seu afeto por ela.

tinha ciúmes, mas não deixava o sentimento extravasar na relação, voar mais alto que a águia serrilhando a montanha.

um filme para verem juntos, modo sutil que encontrara para mostrar a expectativa dela, que ele não conseguia ler no segredo dos seus olhos.

diante da atriz em teste, soltando os cabelos,

agradeceu a sensualidade natural da mulher.

casada, não mais atuando nos seus filmes, deixou que ele roubasse, aos poucos, o seu desejo.

convidada, alguns anos depois, para acompanhar os testes para o elenco do filme, encontrou o mesmo gesto,

as mesmas palavras para beleza de outra mulher.

quando a generosidade dela encontrou o egoísmo dele,
chorou.

— não me culpes por você ter colocado a sua cabeça na ganga.
entendeu com o signo branco,
que uma película serve para fornecer os meios para continuar a
filmar e apontar os problemas da obra seguinte.
saiu agradecida,
por ele ter mostrado que não tinha conseguido preservar,
algo especialmente para ela.
quebrou o silêncio
com barro seco,
cheiro do pólen da flor.
depois,
do barro, vaso com flores discretas lilases e azuis.

com leve dor de cabeça frontal ajeitou-se no banco, enrodilhou-se
no casaco e dormiu.
disposta ao sono e à viagem,
despertou volúpia.
encontrou olhos fosfóricos no seu ventre seminal; fecharam os seus
no fundo movediço do lago,
folhas vermelhas de outono ensandecidas.
vermelha embaixo do vestido comportado.
faces afogueadas,
o alvoroço a levou à viagem fantasiosa,

a realidade, todos os gestos dele, retocou o que a própria
imaginação construiu.

tinha medo do encontro, amava a cena do amor e,

no palco da paixão, em todos os atos, drama.

fugia para o abrigo do seu enredo individual,

o custo era a despedida do mundo antes da hora, apesar dos belos
pássaros,

dos jacarés feios.

— tudo parecia ter acontecido num passado remoto.

a lágrima-instante,

que escorre faz parte do tempo que se consome,

vivida até o fundo da dobra da pele,

retendo as impressões da textura delicada.

gesto e matéria acusam

a dor do rompimento,

desfigurando

o autorretrato

o cosmo,

a intimidade.

era domingo,

o asfalto escorria em harmonia com a música.

diante da cor prata envelhecida, perplexa, atenta,

aguardava,

a erupção do corpo lustroso.

imóvel no matiz e matéria das formas minerais,
esperava
o verbo teatral.
a misteriosa forma vazia ocultava uma gigantesca
beleza sólida.
exsudava um suor frio na testa,
os furúnculos no pescoço começaram a doer com o vento marinho,
salino e arenoso.
eclodira grandiosa, suplantando qualquer significado e,
furando a água, esplêndida, assustadora pausa musical.
absorta
no impacto miraculoso do frescor negrume,
não percebeu que os abscessos expeliam os líquidos ruins, o veneno
dos remédios.
com visão magnífica ao derredor caminhou na orla, suportando o
incômodo que se agigantava naquele dia claro de maio.
era sempre o mesmo mecanismo, solicitava comiseração dos outros,
torturando o corpo furunculoso,
na água salgada.
pretendia abjurar a via cruxis do corpo,
mas não conseguia chegar com suas próprias forças no santuário.
no refúgio protegido dos mamíferos,
a pele lisa e fria
retinha
as impressões do mar.

anos atrás chegara do interior para morar na capital e na primeira residência, surpreendentemente, encontrou uma pequena biblioteca abandonada. Soube que a antiga moradora cometera o suicídio e a venda compulsória incluiu os pertences do apartamento.

o novo morador deixava os livros inertes na estante por desinteresse, ela os deixava mortos por não ter coragem de tocá-los, medo de ser interpelada pela presença da mulher morta.

um dia, colocando água nas folhagens, teve o pressentimento de que os livros tinham sido destinados a ela, por não ter outra pessoa que os quisessem vivos.

sendo, como numa tribo indígena, sagrado os objetos dos mortos, ela rompeu a interdição e pegou com mãos suadas, aleatoriamente, um volume.

quando abriu o livro, duas histórias apareceram simultaneamente, a história do livro e a do suicídio. O enredo do livro estava ao seu alcance, dependia apenas da compreensão da leitura. A do suicídio, por não existir, interrogava.

a memória trabalhando em direção à noite. Restavam apenas dois pontos de luz, como se fossem olhos vazios. A bile negra molhando o espaço da existência, derramando uma ambiência sonora e cinza.

a sombra do objeto caiu sobre.

suspensa num ponto negro contemplativo pintou-se o vulto da agulha fisingando o tecido.

numa lufada,

abismou-se no vazio.

— *Por que todo ser de exceção é?*

— nerval.

deslizava suavemente, como se usasse patins, sendo luz e sombra.
depois de um longo tempo,
da noite mais longa já vivida,
caiu.

da vidraça do ônibus, três aviões do tipo “caça” restituíram meio
minuto perdido no trânsito,
naves pequenas e achatadas, de cor cinza, se aproximaram e se
afastaram sem barulho, suavemente.
acompanhava os seres extraterrestres na dissipação do branco,
embaixo corriam edificações vetustas,
entre sono e a vigília,
elevou-se verticalmente do solo e começou a voar,
escandindo cada minuto para melhor aproveitar o tempo,
quando encontrou o vale profundo ficou parada no ar, como se
fosse um colibri de rabo cinza.
a natureza esculptora,
que abriu entalhes gigantescos nas rochas estava disponível no seu
excesso de tamanho e visibilidade,
a greta profunda continha um silêncio que não combinava com o
barulho do rotor,
pensou como seria escorrer na paz absoluta da linha do rio.
entre os paredões perdeu o céu.

na rudeza da rocha fria,
um espaço pictórico uniforme e caloroso,
ocre rupestre.
a cor e a matéria
em movimento.
alguns atravessam
na passagem estreita,
o enigma
da visibilidade.
deixando o refúgio do vento, da águia,
o céu.

não recordou nenhum traço da fisionomia conhecida quarenta anos
antes, porém,
o mesmo timbre de voz.
no encontro do instinto musical com o linguístico disse:
— tens a mesma voz da tua mãe.
a mãe, senhora alta, gorda, alegre,
tricotava lãs coloridas na máquina.
sequer usou um dia,
a toca astronauta cerzida para esconder as orelhas do frio.
atenta aos tons e melodias,
o relato da mulher que parara de cantar a pedido do marido.
sentada no curvar temporário da ferida esperava,
acuidade.

uma estátua filiforme de bronze,
sozinha,
muda,
fixada num pedestal grande e pesado
tinge a inelutável
solidão de todas as outras vidas.
uma delas,
fotografada durante as filmagens de Medeia,
estava com lama espessa nos pés.
nas ruínas,
despojada da máscara utilitária,
cabeça inclinada,
manto cinzelado, longa trança negra.
com mínimo apelo do olhar,
pôs em ação
a voz.

acompanhou na televisão a longa entrevista do escritor,
com legendas,
ele dissera que necessitava da experiência da subtração.
antes do café da manhã,
esvaziar a mente
no vazio.
por caminhar em lugar inóspito,
desolado,

onde a geografia resiste a cultura dos outros,
ver a atmosfera passar de um extremo
ao outro.

os grãos,
sendo carregados da superfície,
levemente,
impiedosamente.

e, na passagem da luz,
bege,
bege dourado,
branco, rosa,
vermelho ferruginoso.
profusão de calor,
secura.

diante do phármakon
da escritura,
a natureza prescreve
a mesma origem
a cor e
a cura

havia no ar,
dor inorgânica,
de ferrugem,
mais do que propriamente de remédio.

a doença como um texto inscrito no corpo,
o médico,
como leitor
da vida,
que se tece por si mesma.
nos corredores de sentido,
urgência,
imobilidade.
o enigma do ofício de Minerva:
as doenças são incuráveis.
no picadilho da vida,
pastilhas de veneno.
para o mal galopante,
banha de cobra cascavel.
desopilar o fígado,
descarregar os rins,
desanuviar as ideias,
dissipar a melancolia e
com o coração levantado
atravessar
a cerca-viva para
colher as ervas,
ainda molhadas
pela chuva
recente.

por ter a sensação de estar caminhando descalça num serpentário,
não conseguia aproveitar o perfume do mato.

“quem teria feito aquela inscrição na casca do álamo”

pensava naquele momento.

os tecidos mutáveis da árvore

borraram o texto.

um arcano,

“se fosse um mau augúrio”

olhou para o chão

encontrou apenas

uma roxa sanguessuga,

perdurando o estado

ominoso.

“ouviram dizer”

talhar palavras,

na substância viva

trouxe a ira de Deus,

a astúcia do Diabo.

insurge algo (re)

velado

na casca porta-voz:

o seu catafalco será

branco como as fezes

dos (cor) morões.

]**— CAR-MEM, COM M, EME DE MEMÓRIA**[

depois do luto fechado escolhera sempre o mesmo tipo de tecido para fazer os vestidos: fundo escuro, flores miúdas, simples como lágrimas.

combinações insólitas, a mulher pode brincar com o vestir. Matilde não brincava, trabalhava, falava sozinha, trabalhava, sozinha. A viuvez, a velhice, os netos pequenos, a respiração ofegante pelo excesso de peso, a tosse das gripes mal curadas. Fugir da lucidez, conversando enrodilhada nos afazeres, nos vestidos compridos, nas mãos sem anéis.

consequira trabalhar uma semana cheia e tudo parecia bem - dizem que caí e desmaiei -

no hospital foi dada a notícia da licença médica por três meses. contava com o trabalho preenchendo as horas, os dias, chegar em casa cansada e dormir. Encontrar uma ocupação para atravessar os dias de repouso e não ficar autista de tanto falar sozinha, sem voz.

isolada e paralisada como uma prisioneira buscava alternativas. curso de cerâmica, melhor seria cantar - tem medo de cantar, me parece -. Perdera a voz como se perde a juventude. Um dia o espelho revela outra face e nos assombra. Poderia recuperar, em

parte, o que se perdeu, quebrando o mutismo, a redoma de vidro, entre o dito e o cantado a voz é frágil, não arrebenta o cristal, quebrou o vidro redondo da cristaleira na mudança - o móvel mais bonito -. O vidro curvilíneo, o mais bonito espedaçado. No entalhe da madeira sem a redoma, a marca da dor. Não esquecer a dor do mundo, a lucidez que faz calar, colocar as mãos na cabeça, lamentar,

o cristal tem uma voz que canta nos dedos de vidro rosa e azul. O biombo construído como anteparo tornou-se pequeno, um gargalo se abriu, escoando uma voz, outra,

não tenho muitos detalhes circunstanciais de como tudo começou e não sei ao certo de quem estou falando nas consultas médicas e psiquiátricas. Pessoas diferentes tiram diferentes palavras de mim, continuo um recipiente vedado à deriva. Não tão vedado, tenho vontade de falar, como Matilde falava sozinha no vestido de estampa de flores miúdas.

estou acima do peso, retenção de líquidos e, para diminuir a dose de diurético, procurei uma academia de ginástica perto de casa. Ela funciona com hora marcada, cinco mulheres por vez. Gostei da ideia, não aguentaria olhar indulgente de homem num espaço de

tantos espelhos. As duas sócias da academia são jovens, bonitas, magras. Uma delas, mudou duas vezes, num espaço de duas semanas, a cor dos cabelos. A outra, consulta o relógio de cinco em cinco minutos - seria o meu próprio desespero? -. Mesmo se não for, não vou ficar,

repousar na praia, a ideia caminhou cedo na segunda vez da ginástica na semana.

desanimou com o inverno ventoso, reanimou, teria o dia inteiro para encontrar um espelho de sol rompendo a densidade das nuvens pesadas de chuva,

praia, cidade grande nos meses de verão, pequena e acolhedora depois da temporada. Pipilou a dúvida, se fendeu como se sua voz a partisse. Partiu. Decidiu ser prática na mudança.

muitos anos antes, em outra mudança, a curva derrubara um saco de roupas. Um rapaz com a desenvoltura de um gari salta, recolhe, volta. Ímpeto, ação, força – é o gesto que a mãe lembra do céu vazio -.

três dias depois, com dois curativos nos dedos, tudo estava organizado. As tarefas, como um túnel, encastelaram sua vida pensativa e lúgubre. Antes de começar as duas biografias que

trouxera para ler, ocupou-se dos que pediam notícias pelo correio eletrônico. Encontrou uma mensagem que a deixou sem ação, mais intrigada do que sem voz,

você esta sendo convidada a participar do seletto clube “cem anos de solidão”. Os sócios escrevem uns para os outros de forma confidencial, tendo como objetivo principal o entretenimento. Você deverá postar, pelo menos, um texto a cada 30 dias neste endereço 100anosdesolidão@clube.com.br. O não cumprimento desta condição ocasiona eliminação a automática da lista.

simples, não vou postar nada. Posso resolver minha solidão sem participar de um clube de escritores frustrados, que ao invés de baterem as botas batem no meu sossego. Por que eu, que nunca publicara nada, sequer participara de alguma oficina literária, quereria aderir a um seletto clube? -solidão ela tinha,fluxo tinha -.

algo estava obtuso, dois anos atrás, sabendo do sucesso da comercialização de livros nos sebos, vendera oitocentos volumes para ganhar espaço no novo apartamento. Nos livros constava seu nome, mas não seu endereço eletrônico, seria inútil ficar conjeturando possibilidades, o mais provável é que o clube seja de sócios moradores de praia, já que recebera o convite no seu novo

endereço. Suspirou sem entender e, sem querer mais pensar, pegou lenço para cobrir os cabelos do vento e de areia, saiu para caminhar. os cabelos da mulher que falava sozinha eram compridos até a cintura, nas duas ou três vezes que a vira, um pouco antes de dormir, os cabelos soltos emolduravam os olhos numa sonolência cinzento-esverdeada. Ela escondia os cabelos no coque e o coque no lenço e, apenas no catre, mostrava uma sensualidade espontânea, o véu das madonas do mediterrâneo.

as chuvas persistentes, os dias nublados do inverno intensificavam seu desânimo.

estava cansada de erguer-se a si própria todos os dias, construindo fios tão funcionais.

erguer outras vidas, outras realidades era muito para ela, que apenas queria levantar outros movimentos para si. Desejava ser diferente de si mesma, pois estava frustrada de tanto se ver doente em espelhos de estranhos.

numa ilha no mediterrâneo, no fundo do mar, em algum ponto a ostra lentamente solidifica o nácar, se protegendo do estranho, ela poderia fazer o mesmo, transformando o convite bizarro em um, por que não?

estava na cama lendo antes de dormir, como fazia todas as noites e, antes de apagar a lâmpada escreveu no próprio livro, como se fosse uma dedicatória a si própria,

o livro, amanhecendo vagorosamente no piscar das páginas, a noite avançando até ser interrompido pelo marcador, com reprodução do quadro de Francisco de Goya enterrado no escafandro do texto.

outro dia, por não fazer chegar ao destino um saco de roupas usadas, voava mosca tonta sem cair no açúcar de vez. A empregada recusou levar o saco, sugerindo doação à paróquia Santo Inácio. Na casa paroquial do bairro não encontrara viva alma e, sabendo de uma escola com campanha para os refugiados da chuva, outra volta tonta,

a secretária informou telegraficamente que a campanha já tinha sido encerrada. Mosca morta, ela. Rodopiava, dilapidando as horas em cima do veneno com açúcar. O carente não mudava de sentido, andava em círculos.

ser tocada pelos mortos, perdurando a memória nos objetos nas roupas usadas. Costurado à mão, o longo estudo ocasionou puimentos nos cotovelos dos jalecos. Os ratos recordam por dois dias os choques fracos e por duas semanas os choques fortes.

memória e esquecimento dependem da estimulação ou não da dopamina até doze horas após o estímulo. O mouse procurava conhecer os efeitos da dopamina na memória e no esquecimento, encontrando no meio eletrônico uma barra para eletrochoque.

não é frio ser tocado pelos ausentes em São José. As roupas recebem e não abandonam a marca humana e podem nos comover quando há um presente de um ausente. A barra de metal resiste à história dos corpos. Os aros de metal dos óculos do pesquisador de jaleco branco ainda não, outra forma de linguagem. O rato foi sacrificado sem deixar resíduo.

a menina com inteligência similar ao macaco apanhava os atributos da mãe com ajuda de uma vara, a camisola cor pêssego no varal. O macaco com inteligência similar a da menina, não atribui outro valor as bananas. A dor ativa a memória do homem que não tem dinheiro para pagar o leite. O rato Dionélio, por roer agonias primitivas, permitiu ao cientista social compreender o artista da fome, o processo de construção da muralha da China.

não retirar o valor da porcelana quebrada, esperando longos meses a oficina vir de bicicleta e, quando consertada ela poderá tocar, sempre pela primeira vez, os dedos do homem que será o seu

marido.

conservando a memória, aos poucos, silenciosamente, a porcelana reincorpora a forma nas mãos de um artesão sensível como um sismógrafo.

não me farei mais presente ao seu lado, com este bilhete lacônico ela interrompeu duas décadas de trabalho e relação afetiva. A frase lâmina teve efeito hipnotizador, como muitos anos antes, ela morena, vestida de prenda, rosa carmesim nos cabelos tocava acordeão. Se não fosse a motocicleta do globo da morte teria sido a única lembrança do encanto infantil, daquele circo da infância.

um pinheiro de natal fora de época, no hemisfério sul, a geada branca no verde. Em algum ponto da árvore começou a germinar um pequeno núcleo de cristalização. Uma força motriz de crescimento, ligações no meio disperso, uma estrutura advinda, completa, na primeira hora da manhã, espera outro começo.

ela não sabe produzir um ponto crítico, clusters para um vestido de cristais de gelo. O cristal não quer cantar nos dedos. Ela insiste, rosa-antigo, o encontro dos rabos de galos do amanhecer nos cristais.

com uma aliança larga no dedo, cuidava das galinhas e dos ovos

galados. A comida do domingo, antes de ser churrasco, era galinha assada no forno. O recheio era servido uma única vez, com arroz. queria contar a ela dos ovos de plástico, que são usados para induzir a galinha a chocar. O nome é fácil de gravar, in-dez, também dizendo de pessoa muito sensível, ela levantaria a cabeça para rir, continuaria a contar a coleta daquele dia, destacaria o sabor artificial da goma de mascar e diria que não entende por que tio Pedro continua comendo ovo cozido no café da manhã, ovos fritos no jantar e galinha assada aos domingos. retorna do passeio da casa da irmã, com o chapéu de palha e bolsos cheios de sementes. Sementes de melão na terra, na próxima chuva. a mulher, a terra, o útero, o gérmen do egoísmo estão nas sementes. Elas são geneticamente alteradas para serem estéreis. Frutos, em pencas, de individualismo. controlar, lucrar, reduzindo a diversidade, tirando as sementes dos bolsos do mundo; o útero é o bolso do embrião. O caipira é sábio com a galinha; os incas com o milho. Cultivavam oitenta e quatro variedades de milho, restam menos de cinco. A ação não é vista

como criminosa. É crime terrorismo matar três mil pessoas. Ainda não é delito morrer trinta mil por falta de água, de amido, Pioneer, talvez, amanhã.

meu nome é legião respondeu. Tenho muitas alcunhas, contudo o modelo empresarial exigiu a gestão corporativa. Uma das empresas incorporada é pioneira no uso de tecnologias limpas, na proteção à biodiversidade, resultante de pesquisa sobre o cultivo de milho no império inca. Meu santo direito à propriedade, não lhe restando alternativa, com os bolsos vazios, olhou para a Monsanto sem devoção e sem graça. Depois, sentada na soleira da porta comeu o melão, pele de sapo com pão.

no mesmo dia da cristaleira quebrada, cinco quilômetros em quatro patas, duas horas depois, para surpresa de todos, o cachorro, tivesse ela, dado o nome teria sido Caramelo, devido a sua cor, entre o dourado e o marrom. Ele não pôde os deixar, mesmo que eles o tivessem deixado com os outros na casa.

com o nome fez selar na Trude, Gertrudes Maria, seu destino de canina muito simpática. Além de afável, seu de-ene-a expressava simultaneamente fealdade e voluptuosidade. Outro dia, por ter recebido três pedaços pequenos de succulenta carne mostrou-se

muito mais alegre para com ele do que para com ela,
disse, simplesmente,
ven-di-da.

ela herdou seu bom gosto. O negócio da mãe, quando viúva, era comprar casas construídas para fazer reforma e paisagismo, ocupava-se com o refinamento da simplicidade e tudo ficava melhor do que fora um dia, a beleza sendo a alma da casa, a filha conservou a casa e todos os seus objetos, exceto as roupas, desde a morte da mãe, ela constrói a seu modo a casa herdada e parecem ser inesgotáveis as ideias que são concretizadas, outra será começada, quando não houver mais nela, espaço para o desejo da mãe.

descendo a serra escoltada; a lua os dois. Um mesmo enquadre, em dois tempos. Ela no quadro desenhada de perfil aos quarenta e dois anos, ele no retrovisor. Reverenciou, por sorte do acaso, a saudade da mãe com a beleza da mulher no vestido de flores rosa e lilás.

ela era pensada como Jean-Luc definiu o cinema, uma verdade em vinte quatro quadros por segundo, o tecido indiano da claraboia tremia de beleza no amanhecer do primeiro comprimido. Cores intensas no segundo, tonalidades

fracas na hora erma do terceiro,
quando o desenho da luz alcançava o espelho oval longo, a borda
era carmesim.

em maio, lírio-cárdeno. Em novembro, lírio-branco,
lírio-dos-tintureiros. Liriodendrina. Liriodendro. Lire. Ler
lírio-fétido,
esquálido,
triste,

deslocou, um pouco, o vaso de lírio-do-mar do centro da mesa,
amassando as frases no envelope pardo do pão.

ela tinha respostas eficientes, exceto em situações novas. Nesses
momentos acontecia uma pane no sistema. Deixava o câmbio do
carro acionado ao partir, colocava as costas do vestido na frente,
pedia informações sem conseguir processar. Olhava e não
enxergava; ouvia e não entendia. Enquanto não houvesse revide
proficiente, ela seguia no pedágio sem dinheiro, no posto policial
sem documentos, na porta giratória antifurto sem liberdade.

tinha o cansaço de uma velha sem nada para fazer. Resolveu
embalar-se na rede. Fluxo. Refluxotina. fluxo. Refluxotina. Dormiu.
transava com o entregador de água no trabalho. Velha e sem viço

nadava sem sair do lugar numa vasilha, sustentada na mão pelo entregador. Quanto mais nadava para fugir do olhar do homem, mais envelhecia, acordou.

permaneceu estática ouvindo a voz das ondas. Era um rouco leproso, maléfico.

entre a água e o suco na porta da geladeira começou a tremer de frio e medo.

enchia e esvaziava um balão amarelo. Em plenos pulmões teve vontade de gritar, de morrer da sua própria morte, de viver da sua própria força,

uma chuva repentina despejou velozmente lençóis de água na tarde úmida e quente. O cheiro feminino do mar. Os peixes,

certos como o dia e a noite se sucedem um após o outro, a vida pode murchar num domingo à tarde, perto das dezessete horas.

com nove anos, ela como os outros, chocados com a morte daquele homem deserto.

sem respostas, os vizinhos embaixo da noite, de um firmamento cheio de estrelas,

escapa-nos os barcos, os peixes,

uma frase branca, em algum lugar, como reserva para esses momentos de bolha vazia, de vida sem graça.

limpava as vidraças. Queria tanto secar as varizes, as pernas doem à noite. O patrão dele não quer pregações no trabalho,

lavava a roupa suja. Ele não pensa em ajudar a filha casada. O pastor mora no prédio mais caro da cidade. Ela quer sair do aluguel

- será que a gente consegue tirar este mofo com água sanitária?

ele foi demitido. As duas filhas precisam de aula de reforço, senão reprovam de ano,

- semana que vem não virei. Tenho hora marcada na delegacia da mulher,

esfregava os frisos do chão.

- desta vez não vou perdoar,

recolhia os pratos. Copo quebrado na pia,

pela décima vez,

- ele não pensa em nós. Ele não se interessa pelas filhas,

desta vez não vou perdoar,

flanelava os móveis. A médica do posto receitou remédio para a depressão. É o mesmo que a Roberta e a Fernanda tomam,

elas tomam?

separava o lixo. O patrimônio, do matrimônio.
olhava melancolicamente o nariz pintado de sardas,
esperava a hora do parto, resignada.
coragem e paciência nas rosas cor-de-rosa murchando no vasinho,
perto do crucifixo,
escoando as dores em linhas no ferimento, acompanhava o trajeto
das formigas carregando o verde,
não parecia remédio, a espuma de claras,
com cabelos trigaís e as sardas,
murchava,
esperava,
a dor entrar no ninho.
o motociclista no semáforo vermelho colocou o pé no meio fio e
bocejou,
um pássaro implume,
vagas estrelas da urso,
o verde.
— e você Carmem?
(gosto dos cavalos brancos, das uvas, do gelo, das rosas, gosto da
borda carmesim do espelho oval desenhado pela luz da claraboia de

tecido indiano)

as árvores desenhavam silhuetas flutuantes nas ideias fixas,

borboletas noturnas,

sussurram.

]— CARMEM, AQUELA QUE DANÇA?]

sem mover um único músculo do rosto esperava a preocupação difusa ceder ao sono,

a insônia de eventual tornou frequente nas últimas semanas, exigindo consulta médica.

desde jovem, ataviou-se nela como se fosse natural,

o dever, pesando sobre os ombros, dificultava o descanso.

surpresa com sua atitude, quando pediu ao médico que reduplicasse a receita e a dele,

que o fez sem contra argumentar o pedido.

começou a perder-se em cismas.

indicação:

desfazer-se dos utilitários.

convertia a ansiedade em trabalho, em coisas de muita preocupação, o crédito e as dívidas.

evitar as raspas de conversas do médico, insistindo na receita dúplice.

no último instante,

a mente em branco mudou para

o silêncio

misturar o chá e o leite.

duplamente dobrada, a prescrição esperava.

tomava água morna com limão em jejum,

à tarde torta de coco com palavras cítricas.

magicamente,

apareciam gotículas douradas e transparentes em cima do merengue

vindas,
da calda de açúcar embaixo do creme com raspas de limão.
contraindicação:
mulheres obesas que tomam sertralina.

boa parte de sua tensão estava no rosto, na testa e na boca.
tinha dentes brancos e forrrtes para morder as frrustrrrações
amorrrosas e as do trrrabalho,
o dentista tentava amenizar a perda do esmalte,
solucionando o brrruxismo,
relaxava fazendo sexo, mas logo voltava a rrruga na testa, a tensão
na boca,
ficava excitada, quando uma ferra,
como a maioria das mulheres, alvoroçada com a cópula dos
animais.
não sabia fazer outra relação, muito estranho.
crrriatura, dito pausadamente
esperarrrrrrr, nem que a vaca tussa,
o rrratto rroeu a rrroupa do rrrrei de rrrroma, a rrrrainha de rrraiva
rrrasgou o rrresto.
rreina uma rrreminiscência,
brrrigando com Crrristina,
berrrou no vestido prreto e sandália prrata.
fez o arrrmário comerr o tic-tac do rrrrelógio,
crrruz crrredo,

fez criatura corrigir, desdizerr,
saiu do carro batendo a porrrta,
olharr de cobrrra venenosa,
para o sorrriro irônico de Arrrthur,
bote aqui,
ali,
acolá,
afundou
no mar de lágrimas.

— setembro não tem sentido
escreveu quase tudo no último dia,
lutava numa redoma,
quando paralisada no limiar,
jogava truco.
conheciam-se na distância pública do jogo das máscaras.
a inteligência aguçada molhava a ponta dos dedos,
para arremessar as cartas
até
alguém cair no visco.
sem pressa jogavam no sentido anti-horário ouvindo
Cecília Bártoli,
Marlene Dietrich.
regra do partido: dama menor que o valete.
sem palavras,

para o rosto da propaganda,
não jogar com o falso.
no descontrole mínimo do filete de voz,
cartas reveladas.
a mulher perdiz
chegou no prédio dos correios,
de estilo neoclássico,
dez minutos antes de fechar
a porta.

— nada é verdadeiramente preto.
sem tédio, deslizando nas emoções, os pigmentos naturais nutriam o
sistema nervoso.
nas curvas não puras do arrebol andaluz,
dois tons de vermelho.
constelações e seus nexos,
o índigo escuro do alto mar,
o azul-marinho do céu.
uma quimera para quatro verdes,
assuntos melindrosos
ferindo a mulher de casaco uva.
ninho amarelo,
entre os dedos, a gema.
bolo para os amadores do futebol e
purgante de óleo de castor.

fuga bem-sucedida do velho escritor na borrasca de inverno.
não sabia explicar o instinto, a fuga.
como se fosse uma função biológica,
em qualquer estação do ano advém o outono.
é uma necessidade,
a curva do rio sujo e a borra de café,
o sangue seco e a púrpura cardinalícia,
a saliva e os frutos.
o rubro
entreaberto.

— maldiz a chuva, o querer da mulher, a nuvem negra da púbis, do céu.

é provável que ela não queira perder nada: o sabor da água corrente, um lugar para morar, outro para decorar, treze mil quilômetros de carro nos Estados Unidos, passeio de balão na Austrália, cinco mil fotografias, pastel na estrada do mar.

interrompeu o fazer,
demorou-se na frágil beleza,
as gemas entre os dedos,
o líquido viscoso escorregando
e se fosse impossível quebrar os ninhos
para o bolo de cenoura.

— afinal, o que querem as mulheres?

— ver uma bicicleta puxar cavalos.

dizer, quando a mulher é professora aos alunos, sutilmente,
a água falta no deserto, os remédios na doença, os livros onde são
escassos os leitores; as palestras quando poucos apreciam.
bater a casca nos dois lados,
a gema entre os dedos,
curando a ferida humana.
tinha um princípio, se soubesse o que estava fazendo,
não perfazia.
de minissaia, vestida para não fracassar,
a vida seria pequena e curta,
em Santa Cruz,
os amarelos estão floridos.

carregando a genética familiar,
um câncer no seio das tintas.
roubada no porta-joias da mulher,
lágrimas de água, sangue e leite.
para jogar com a materialidade da pintura, numa série diferente da
anterior, não sabendo chegar onde pretendia, estudava a teatralidade
do circo.
o mais circense de tudo, o homem como acidente do acaso,
elemento fútil na organização da vida.
buscava o seu modo de cristalizar as sensações na tela, ainda não
estava pronta, dissera um pouco desanimada, temendo perder a
luminosidade do outono.

a mente com imagens e ideias não liberava a mão para as pinceladas involuntárias.

a lona

esperava a tinta, o corpo, o acaso

fazer a sua parte.

a corda, um coração suspenso no ar e a trapezista, com uma estrelinha prateada em cada coxa.

— ideias não funcionam. Estou trabalhando mais com o corpo do que com a cabeça.

na intensidade das sensações sou violentamente jogada na vida, nas cores, nas texturas, nos volumes. Ontem não colhi nada, apaguei tudo. Sabia o que queria, mas não cheguei na visibilidade da pintura. Ainda não sei se vou ter alguma coisa hoje. Uma nuvem - um pouco mais vital do que aquela perdida - .

— algo se ergueu.

— como?

tinham o mesmo corte,

nos cabelos fios desalinhados,

a navalha,

e a potência do deslocamento.

vontade de raspar a cabeça,

quando se esvaem as forças.

colocando, sobretudo,

no corpo de abertura plena,

o figurino do campo de concentração.

as mulheres em cena, sendo constrangidas.

a luta era mercurial,
entre as coisas abjetas e
a ordem do discurso.
reprovadas por colocar o poético,
adoeceram.
sem possibilidade de expandir
engravidaram com outros encontros a razão.
de corpo intenso,
exercitavam o músculo da imaginação
para ver o que nunca tinham comido antes.
como entrada,
antes do primeiro prato, para retirar a hóstia da boca,
salada de parmesão e endívia,
com azeite de trufas e vinagre de framboesa.

receava não conseguir segurar o carro na rua inclinada,
os automóveis em frente ao residencial reserva dos pássaros seriam
abatidos ladeira abaixo.
perigosamente pênsil entre a vida e o signo,
calçar com a pedra, a roda.
coisa mental manobrar,
a direção,
jogar com o dizer, onde a língua não alcança.
o carro partiu
para as mulheres desplumarem-se

em trepadeiras azuis.
seus lábios não são de mel,
uma língua fora do céu da boca dizia ser
perigosamente pênsl
no amor.
os pensamentos,
no pé de pimenta do jardim,
das trepadeiras azuis,
sem rima e razão,
estavam verdes, amarelos.
vermelhos.
tendo necessidade de elevação,
o inseto escapou da língua
sem arranhar o frio.

as doenças sem dor, os roubos sem crime. Se ela pudesse escapar
dos remédios, dos bancos, do pretexto da funcionária, de renovar o
cadastro para vender.

voltas, voltas, voltas no mesmo gargalo do parafuso.
cólera.

quatro unhas carregam o cavalo.

dez unhas puro-sangue.

uma palavra em distensão máxima irrompeu.

os galopes, as apostas, as fraudes
curvaturas elípticas brutais tocam o solo,

numa pulsação nervosa.
a terra sulcada no tamanho de um punho,
rodopios quebrados extravasam
a obediência animal.
velozes, rilham as patas,
avançam estilhaços de barro.
as pausas
da volúpia singular,
enfeita o fruir da mulher,
naquele domingo de vento,
no prenúncio do fim, os punhos, os longos tornozelos,
o riso contido,
o cheiro de dinheiro na mão.

sandálias de arame,
vermelhas,
meia pata,
dançava simpática da cabeça aos pés, passos bem marcados,
um pouco exagerado,
a alegria não sustentava o que o corpo expressava.
o espelho pisava a mulher,
ela revidava com esta,
aquela,
paga uma,
leva duas.

ainda no cartão,
não mais no armário.
premer o orçamento,
liquefazer as gorduras,
um passo para sorte,
outro para o azar,
ela dançava com as outras
a imobilidade,
tinha vontade de sair de cena,
de gritar,
na última apresentação, aos quarenta e dois anos,
dançou seus modos de enunciação,
quebrando o destino, o aparente.
na pista de dança, no palco,
o bico fino,
a sapatilha de ponta,
o grau zero,
da dança.

]— CARMEM, DE BIZET?]

no espelho do toailete,
batom vermelho carmesim nos lábios molhados,
perdido na bolsa o vermelho coral,
cansada, embriagada, deixou cair das mãos o vermelho congo.
no estojo de madrepérola o vermelho persa.
a mulher de cor ébano, esticou os lábios para o vermelho terra.
Clarice, de cabelos encaracolados, demorou-se no vermelho cereja.
a jovem retirou do jeans o vermelho inglês,
em cima do vermelho de metila,
uma luminosa película vermelho de cromo e pó compacto para fixar
o tom.
com elegância pegou do couro o vermelho óxido,
deslizou, no biquinho da ruiva tigresa, o vermelho indiano,
no beijo da mulata, ardia o vermelho fogo.
beijou, a morena, o vermelho rubi.
lábios cor de boca ou vermelho Ferrari,
sorveu as últimas gotas do gloss,

vermelho tomate.

fez com os dentes uma linha vermelha,

duas bocas, com o vermelho paixão.

com o vermelho Pompeia atçou a volúpia.

magicamente, uma doçura cálida posou na boca vermelho vinho.

com um gesto intempestivo quebrou o vermelho Veneza de pigmentos naturais.

fumou

devaneios,

a força explosiva do vermelho fenol.

sem querer, pintou os dentes com vermelho sangue.

na linha branca, intersecção coral,

— seu ruído rosa me comove.

com gestos firmes e delicados,

livre fruição da força corpórea,

lufadas de intensidades carnais,

no aqui e agora.

no fio da navalha,

beirais,

de um lado,

volúpia.

do outro,

o ventre palpitante.

a eloquência fenece nas lascas de voz.

são doce e amargo as coisas do mundo,

desnuda os frutos vermelhos,

os não ditos,

do corpo sem mediação e descontinuidade.

nervura mesclada de matéria e de espírito,

virtudes camaleônicas,

fervilhantes,

numa suposta solidez.

a gestualidade cênica coloca

fraturas,

o fluxo do desejo passa

dos glóbulos brancos, vermelhos,

acordes na pele,

rosa, coral, vermelho.

realçar com a cor o lugar do beijo.

tourear

com a virilidade do homem

punhal, touro, sangue.

o hexágono da fêmea machucada

perdeu a gravidade,

— *mas eu não sabia que se pode tudo, meu deus!*

no carrossel,

o corpo levita vivaz,

jogo amoroso sem drama.

a coluna de ódio

desaparece

Carmem dançarina livre

das mil simetrias esféricas,

dos fluidos vitais incandescentes,

favo de rubis das romãs,

cravos rubros.

arco convexo,

de triunfo,

mergulho de sons e ruídos,

na pele ultrafina da intuição.

— *se eu te amo; cuide-se.*

a linha pesca

o corpo

do homem, da mulher

para o júbilo e a festividade da

língua do gozo, sem álibi.

os cabelos cor
do corvo negro azulado,
boca e flor carmim,
sortilégio,
o bater das
castanholas na topologia das linhas da mão.
a língua antiga guardou sua lembrança no amarelo
alaranjando do cobre
— eu não sou andaluza senão por acaso
com a regra do jogo do lugar
aflorem volumes no espaço,
com olhos astutos, selvagens
não pagar o imposto
do registo fálico.
ir além
com as artimanhas do feitiço,
vermelho,

da pele à polpa.

o corpo é alma,

carne divina,

sedução,

som e fúria

dos amantes,

estado perigoso,

não conhecer o vermelho puro,

um carmim,

completamente seco numa tigela de porcelana branca.

o cortejo da despedida quis os holofotes da rua,

semelhante a pedra de Bolonha irradiar a noite,

o instante pleno, o brilho fugaz,

do espetáculo.

a mulher sem véu,

exibe

vestido de noiva,

os tules não escondem a meia de arrastão,

a calcinha.

a boneca de luxo

quer dinheiro por ser obrigada a ter corpo erótico.

alguns pagam

o planejamento da cena.

na extração econômica,

paisagem mortificante do charme.

o capturado, sem ganhar,

aumentou o capital daquela que ao invés de

ressoar nos outros, com seu brilho,

a luz singular,

acossou

com sua passagem estranha,

efêmera,

a noite, enfeitada de lume,
os expectadores,
enquanto entesouravam em si mesmos
suas bebidas
geladas.

reteve cem por cento do incidente,
humor negro,
quando a luz ultravioleta da balada,
iluminou o excesso de peso,
no tubinho drapeado preto.
o quadro era negro,
seu olfato não poderia mais localizar
as trufas preto terrosas.
na dieta com chá preto,
retirou da lista negra,

o remédio de tarja preta.

áspero seco, quietude, compressão

do negro animal,

vegetal.

com orientação médica,

no buraco negro,

quis subir ao palco

com pigmentos

dos restos dos ossos dos animais,

dos caroços das frutas,

calcinados por completo.

o embate narrativo

não deixou que houvesse tempo

para compreender que a única coisa bela,

é aquela que não é totalmente

bela.

remédios de tarja
para os medos privados em lugares públicos,
sem uma nesga de ar,
no sufocante,
amarelo manteiga
das rotinas banais,
genéricos lugares comuns.
quis cortar tatuando a pele,
a liquidez do real.
para acalmar a dor,
a tepidez aromática do amarelo,
mel.
cuidado com sua
propriedade alegre, excitante.
é perigoso perder a identidade pela proximidade,
com as outras cores,
circundar o detalhe,

volátil.

na calidez áspera do amarelo Sahara

a vida acontece

sem obedecer o querer do porvir.

assim como o dente-de-leão cresce

luz de ouro

ao vento,

crecem as línguas dos insetos

para pousar nesta página.

ou não, já que existem remédios não

tarjados.

àquele, indicado para alergias das rotinas banais,

cinzas,

era de tarja preta.

onde estão os cabelos brancos dos mais velhos,

prescrever -

cuidado com os excrementos dos ácaros -.

o tapete vermelho,
o capote do toureiro lança
bolas flutuantes
dançarinas,
ao sol,
o espetáculo coreográfico
do resto cinza névoa,
enzimas digestivas,
escamas das asas de borboletas,
pele de aves,
células de fermento,
fibras de plantas,
pólen,
fungos cor de aço,
bactérias acastanhadas,
medindo
um sexto

do diâmetro

de um fio de cabelo.

pousou flocos de neve nos ombros da rotina

cinza,

quis proteger a

nudez

da imagem com palavras.

reteve na memória o enquadre do

lugar

estranho e quieto.

nas mesas

taças de cristal,

envelhecidas pelo tempo,

entre os galhos de azevinho,

bola espelhada

vermelha.
o olhar também morre,
adoece,
se não existir uma faísca de verdade,
para fugir da regra.
fez um estado,
de exceção no signo vazio,
cinza perolado.
cristais de tempo
na linha experimental,
quando a palavra
rabo do diabo
vestiu o nu
da taça do drinque.
o rubro do licor de cereja,
sobre o espelho d'água,
que o mais leve tremor

abismava-se
em fuga contínua.
halo de matéria viva
ondulante, fugaz.
apelo doce,
aurora boreal,
das pequenas coisas perto de mim.
quase dentro do choro,
aturdida pela pungência do viver,
lábios ardendo,
boca ressecada,
— uma cor acaba?
era uma faísca,
fulva avermelhada,
desvanecendo-se em força motriz,
vagueia,
frui,

nasce, quase morre
va-ga-ro-sa-men-te,
entre as árvores,
na penumbra
do ventre oco do instante.

]— CARMEM, TU?!

a manhã começou com vinte e cinco segundos vistos da varanda, esperando o e quívoco, o v ento misturava as cores. O beija-flor osculava o cristal, os lábios, a flor.

interina, a percepção idêntica à ilusão.

presa como um peixe no anzol, ofegante, beijou com as guelras os equívocos - o gesto do gato, ao que parece, miou -

(olha para mim)

o gato jogava com o mundo sem molduras

— quem chega? Quem passa?

saltando na ponta da língua alçou o inseto,

o soldadinho de chumbo, de cabeça para cima, prende, cabeça para baixo, solta a veneziana. Ele, quando cortaram a carne do gato, cuspiu os dentes. A menina fez o soldadinho ficar de cabeça para baixo até o gato comer o mingau.

dias sem dormir, quantos não sei, o que vou fazer - "se ocupe, não durma - será pior e você terá pesadelos insuportáveis, essas vozes, loucas, perdidas, mentem", cortisol.

no fio da navalha, de um lado o inferno, do outro também.

Júlia: musa doce e tremenda, má.

amar o abismo, tendo asas. Voejando, em tentativas. Uma fissura entre dois. Júlia e o branco. Atirou uma pedra sem alegria no incidente,

burca de sarja, intermezzo para os remédios de tarja preta,

enroscada claustroficamente num fio invisível, desenrolando uma situação inusitada transpassou os limites,

(com charme e graça deslizou a língua no sal
fuga dos felinos)

o mundo não vale a lucidez. Márcia, prestes a fugir do consultório,
a recepcionista sorridente às formalidades tinha dentes
excessivamente brancos. “se houvesse um único e bom dentista,
suportava vários cenários fúteis, mas não conseguia tolerar os
consultórios decorados para agradar os privilegiados”. Sua
concepção socialista ficava exposta, sangrando nos vidros da
janela. Aumentou consideravelmente no país o consumo de artigos
de luxo. Difícil de entender,

uma overdose de futilidade entretém a moça ao lado,

pediu com as mãos a revista Caras, buscando afugentar seu
incômodo,

saiu do consultório perto das oito horas,

fez um lanche rápido, passando mensagens no celular,

aguardava as amigas para ir ao teatro.

uma maquiagem e um figurino não bastam para compor uma
máscara,

conhecer a vida pela imaginação, ouvindo o balido das cabras
ibéricas brasileiras,

elas se criam, criando o homem do sertão,

pretas, brancas, pardas, azuis,

uma delas, a sudanesa, se afeiçãoou a mim. Ela colocava as patas
nos meus ombros. A sudanesa e as outras foram levadas para viver
uma vida agreste, longe da fazenda. Quando voltou não tinha mais
memória de mim,

acocorada no rebanho esperei que ela lembrasse do gesto,
o esquecimento morre na vida,
todas as emoções usam máscaras,
o verdadeiro é fácil de falsificar,
o rosto do velho na criança,
o esquecimento infantiliza a política;
a decoração, os consultórios,
larvatus prodeo.

dias sem dormir, quantos não sei, o que vou fazer,
começava o dia afugentando a tristeza nas tarefas da casa: a louça
na pia, roupas na máquina. Quando descia o lixo, quase podia jogá-
la fora. Lamentava não ter a rua para varrer trinta minutos sete
horas da manhã, como fazia na praia,
a vassoura empurrava a nuvem de poeira, arranhando a vontade
para o dia.

presa no território familiar ia sendo engolfada pelo trânsito
apertado,
com pequenos goles d'água,
alargava a garganta.

sem território para seus afetos, acompanhava o farol devorar o
asfalto. Com os ânimos nos pés molhou, outra vez a boca.

fluxo tinha.

mimetizada com a paisagem do bar, expressava uma alegria triste,
era tudo que podia, como os outros, anestesiada com álcool, mostrar
e continuar,
beija-me de verdade,

correspondeu com fita adesiva, o desejo difuso,
na moldura da mesa, outras máscaras,
no que você esta pensando, Carmem? Parece tão distante,
“ela está pensando na borboleta azul, a borboleta do amor”,
todas riram, um sorriso largo e branco.

pegou o celular e o vaporizador de clorexidina. Tinha hora no salão
para fazer progressiva marroquina. Dizem que é melhor que as
progressivas de açúcar, morango, chocolate, caviar,
espuma branca nos cabelos e nas mãos. Mulher, homem, espelho,
ausentes como se estivessem num sanatório. Caem unhas e cabelos,
morrem a pele e a córnea dos olhos,
como uma luz negra que tomba do lustre, o contágio.

— Carmem?

— sim, sou eu.

desde a internação sinto-me casca vazia. Foi preciso estancar aquele
escoamento louco, querendo chegar, por conta própria, até um
ponto que ninguém consegue ultrapassar. Sem vontade de avançar,
cercada pelo perigo iminente de ser engolfada por um tornado
perseguidor, com os pensamentos mordiscando por todos os lados,
deu alguns passos. “Preciso colocar algo nesta frágil embarcação,
nesta casca vazia no oceano, algo que neste momento não
ultrapasse os contornos”.

ontem fiz chegar até mim um caderno de cor marrom morno, com
aroma de chá do Ceilão. Comecei a escrever algumas sensações,
lembranças dissonantes, notas de seda,
envolta pela correnteza do rio de pedras,

estremece em ondas,
o tecido,
floração,
pássaros,
peixes,
gritos,
sopro de carpas.

nuvens patinam velozmente no céu, anunciando outra chuva rápida,
o vento fez quebrar a terracota com peixe azul,
a chuva pesada, a casa do João-de-Barro.

a estrada esburacada era o que o acaso tinha reservado como
homenagem póstuma ao político,
no caderno marrom chá, outras impressões, não sem antes comer
maçã, esplêndida em seu peso maciço, com os tons de vermelho do
entardecer.

no término das chuvas prolongadas,
descendo os campos de cima da serra, as macieiras sem folhas e
frutos,

o pneu rasgado apagou as pistas visíveis do pássaro imóvel no
galho seco,

voou, de um modo ou de outro,
antes de cair a noite,
o destino.

quieta no almoço, depois da sesta, ouvindo as advertências do latir
dos cães, expressou o gesto da menina esquecida na mulher,
quando o laçarote de fita verde-água amarrou seus cabelos, a

mulher na menina desceu as escadas, erguendo o vestido.
sardônico no umbral,
o gato tecia a vida,
no conforto,
no luxo.
sem ensejar qualquer lamento, apenas tentando se livrar de uma luz
branca ofuscante, com as pequenas e as grandes preocupações, sem
motivo aparente escreveu,
o cão e o seu ímpeto,
explosão das vagas pelas frinchas.
a mulher verga, um dia, num piscar de olhos.
buscando uma desesperada vitalidade, disse a si mesma: dourado
champanhe, fim de tarde, sede.
se você estivesse sentado ao meu lado, esperando a vez de ser
atendida, veria a legião de cachorros maltratados,
nestas horas, apesar de ser incapaz de negar a vida,
tenho certa simpatia pelos suicidas.
entre o dia e o diabo,
erguer os pés da lama, outra vez.
ele chegou de bicicleta um pouco depois do carro dos bombeiros,
de longe esperou alguma notícia,
os videntes dizem que ela está a seiscentos metros de casa,
os bombeiros aguardam setenta e duas horas para começar as
buscas no rio,
por outra via, o filho retorna, parando quatro vezes para dar notícias
aos parentes e amigos,

encontra o pai cozinhando pinhão,
duque cavando um buraco.
sucederam vários dias cinzentos,
voltei a caminhar na primeira amanhã cinza-pérola,
nada era insignificante ou supérfluo na paisagem conhecida,
observei tudo calmamente, sem intenção, procurando o vazio, o
sem nome,
antes que o amor singelo se dissipasse nos barulhos eletrônicos da
casa,
algo se reteve.
a vida impõe as senhoras idosas um ostracismo gradual,
o retrato da senhora desta manhã falava do ciático, da dificuldade
em andar,
com meneios de madeira seca c aminhava em marcha lenta,
arrastando os dias e os pés na frente da casa sem muros,
“a senhora teve uma vida boa, não parece ter oitenta e um anos”,
- boa vida, que nada, o marido sempre teve duas, três amantes-,
“seria um pássaro ferido”.
ela esgrima com as palavras,
seduz,
desaparece,
ostra: seu caixão.
antes de tudo devo dizer que estou completamente restabelecida da
fadiga, do resfriado. As variações climáticas não dão trégua e o
único livro que não se fecha são das pesadas e monótonas linhas de
chuva na janela.

na complacência das horas, um fragmento,
o gesto se desnudava para algo simples, verdadeiro. O dizer
desdizendo os olhos, o sorriso, a intenção secreta,
era uma pequena produção artesanal de malícia e mel.
desejando e atendendo as recomendações de amigos, compras no
mercado,
depois, procurando café com sabor, a novidade estava nos grãos de
cardamomo.
cada vez menos interessada no sabor impregnado nas papilas,
observava o entorno,
uma mulher, guardou a imagem embaixo das pálpebras,
saiu para caminhar, mostrando saia de rasgos laterais,
em toda a parte e ao mesmo tempo um surto de beleza,
na rua, foi tomada pela cegueira da luz de verão e pensou
imediatamente no filtro solar. Com o rosto contra o chão,
entregou-se à feiura de seu corpo,
sem curvas, sem viço, os seios murchos, as carnes flácidas.
a idade ganhando terreno, como na doença, nos olhos, na voz,
— *o corpo não tem defesa, é liso do rosto aos pés,*
aquela mulher, não se parecia com ela mesma.
entregue à feiura, naquele dia, acompanhou a perda da juventude
nas fotos guardadas,
sim, deixaria o tempo passar na pele,
antes o outono, agora primavera,
tempo: chuva de folhas secas.
chuva e mais chuva, ontem o dia todo, e agora começa de novo.

sem qualquer outro ruído, sem ansiedade e expectativa,
levantou o rosto do livro.

a família descera para o vale buscando terras férteis e planas,
a montanha ficara para os olhos, para o amor, para os vinhedos,
naquela tarde de vento morno, a máquina costurava roupas para
trabalhar a terra,

como se fosse embora, acenou para montanha num gesto de
agradecimento,

a despedida, antes da notícia, misturou dor e doçura.

a memória que palestrava sobre memória estava ativada pelo
encontro,

ela foi precisa na impressão que tivera quinze anos antes,

obstinada, persistente, tenaz,

sobre a morte, luto e memória diria,

simplesmente, que duque ficou três dias embaixo do sofá,
esperando Maria Lígia acordar do sono eterno, que o cinema do
José Mojica Marins, o Zé do Caixão, mostra como a morte se diz
em voz profunda para nada dizer,

que o tempo verga os homens e os animais.

quando se tornou desagradável sair para o frio e a umidade, a
intenção foi desviada.

com pólen nas patas, a imaginação,

com mel na boca, a lábia no lápis.

ela gostaria que os fatos estivessem associados ao merecimento,

não estão, absolutamente,

altos arranjos de flores nas mesas,

galhos cinza com trouxinhas de pétalas de violeta desmaiado,
cachos de flores brancas miúdas,
o homem quis uma flor para ela,
se tivesse colocado na orelha, não teria gostado,
deixou no seu colo, delicadamente.

o homem, que outrora fizera explodir um avião, encontra-se no fim
do corredor da vida. Livre da prisão, sem a vitalidade de um animal,
sobe lentamente os degraus do avião,
ele. Ela. Ele. Ela. Ele.

o interfone soou para o Sedex,
não teria atendido, descido, cumprimentado a moça da limpeza,
assinado o protocolo de entrega, agradecido o carteiro,
caso a carta não tivesse seu destinatário.

era um homem sem coragem,
para cada recuo, para cada avanço, a cantilena na língua do desejo,
ti voglio bene, príncipe consorte. Ti voglio bene.

em boa hora, antes das noites brancas do verão, lua minguante,
não houve vidraça durante a chuva, navalha gelada,
sequer molly e duque saindo da preguiça.

ontem à noite algo se agitava dentro de mim, nos pés,
a vontade de dançar aconteceu num tablado de tábuas largas e
envelhecidas, com rodapés vermelhos e cortinas dourado-antigo,
com ânimo, saindo de casa, a sobrinha vermelha. Logo, para sua
surpresa, o dia vicejava uma gargalhada cristalina,
carregava à sirga, a embarcação de alunos,
“é salgadinho, leva para tua mãe”. Ela pegou e guardou, à noite

encontrando com outros colegas, alguém comenta sobre a incapacidade dos adultos para a magia. Na concha das mãos, como se fosse água do mar, ela entrega aos colegas o que receberá, ninguém acrescentou farinha, outro nome para as folhinhas.

querendo a simplificação japonesa da cor, do texto, dos objetos, retirou móveis da casa.

a rede, o caderno, o chá.

ela mudou dezoito vezes a composição para fazer aquela realidade aparecer no papel, a lâmpada queimada e a forma do corpo no estofado da cadeira acompanharam a produtividade da recusa, com a gola do casaco em desalinho, fumou embaixo da marquise, os signos incinerados,

sem sair da solidão, com extrato de óleo de pitanga no um bigo, atravessou o pórtico.

não conhecendo seus próprios interesses, impelida pelas circunstâncias, encontrou-se num vendaval anelar e plúmbeo,

quando a palavra crava uma coroa de espinhos,

fascista no teatro das sombras e dos símbolos,

passarinho não bebe, não come,

untar as mãos e rezar a escritura,

sem cair de joelhos,

nas emboscadas da Lei.

]— CARMEM, EU?]

(infeliz, tinha vontade de gritar

ave de rapina, homem, animal, abismo)

o homem esfinge o pátio da infância, o corpo espreita vazios tristes,

Carmem Miranda costura máscaras de seda, chapéus, roupas com

unhas em esmalte grau quarenta,

— menina, tu vais ficar louca.

em colono dor de vista. No lugar do canto, o pranto. Parar máquina

louca do trabalho do pai: autopunição para Édipo Rei. Da angustia

ao erotismo, embaixo das árvores, na relva, numa tarde quente,

frutas proibidas. Lábdaco - Tirésias a dor dos meus pés -

sua irmã desempregada queria dizer,

(alienada, bolivianos explorados na produção têxtil, o capitalismo

gera riqueza e pobreza, a porção dos trabalhadores informais maior,

o que você faz para minorar a pobreza),

— proselitismo e alta costura.

dom? Domingo escreveu. O dom que deus te deu não serve para

nada, nesta crise interminável não haverá mais homens, só lobos,

—Amália, quem me dera ter licores na moringa, alecrim no

canavial, rendas do Alentejo, ser lobo entre Antonio e Antunes,

— vais ficar louca ou antes devorada por lobos,

(como? Perfume do rosmaninho no roseiral, florestas silenciosas)

— eu disse, enlouquecerás

escalar a janela alta,

— mãe, mãe

chapa do fogão. Dor de cotovelo. Noite no meio da tarde e do

amanhecer. Marcado com ferro no corpo, negar o holocausto, costurar 57 peças de roupas por dia, a coleção das leis trabalhistas na passarela,

— funciona assim: eles confiam em mim e eu neles.

500 peças por dia na confiança, no acerto, na conversa. A comissão de defesa do racismo, xenofobia, exploração de menores considerou o cristão persona non grata. O estilista fez roupas em decaedro. ninguém aplaude.

— filha, quando é o sarau de l'amour?

florestas silenciosas, não há pássaros para o perfume do rosmarinho no roseiral,

(Amália, vão me devorar)

a terra em deriva, entre correntezas. O sistema é plástico, o romance avança por pontos, o conto, por nocaute. Evapora a cor na claraboia de tecido indiano,

— uma viagem atemporal Paris-Marselha.

a voz de Vicente, sua voz, outra voz, de Amália talvez, apresentavam o conto no sarau de l'amour,

— é um conto?

a voz de Vicente fez o começo e seguiu por conta própria nas vozes fora de mim.

Carmem estava resfriada, a parede do quarto azul ondulava em mar, um peixe escarlate perdido no cardume dos sentimentos e percepções, partir no navio ao lado estando no navio parado, uma prancha à deriva nas realidades simultâneas,

— neste ínterim a ilusão é igual à percepção.

a voz do Vicente deixou o conto melhor; a da Amália pior. Naquela rádio, os locutores falam normalmente, sem artificialismos, sem cavar buraco no sofá, o armário próximo do sofá está triste de raiva com a voz artificial de locutor de futebol fazendo estupro no poema. Antes, tomar café com vodca para ir embora do quarto com rasgo na garganta do sofá,

(mas o que tenho contra ti, é que abandonaste teu primeiro amor)

Lucas? As patinhas dianteiras de molly cavam. Eu fora dos gonzos, frestas no sofá.

santíssima trindade: perto do osso a carne é mais gostosa. Ainda não é agora, Florbela, a confusão prossegue sonhos afora,

(segure meus pés! Atormentados não posso suportá-los)

filmezinho da Molly cavando o sofá tons terra listrado,

chorar isto que sinto,

espanca o verso puro até o osso da palavra,

rema, cava, rasga uma linha entre outras,

— O que é a natureza!

os vidros formando um lago gelado, embaçadas pela respiração de uma voz sem corpo, tudo que é humano me é estranho, somos hipócritas, fingimos não ser roubados do estado, logrados na padaria, somos dissimulados, a hipocrisia é uma forma de patriotismo, continuar remando o saldo devedor, não somos otários, isto é notório, moral de mentira é melhor que moral nenhuma, os feridos da turbulência política, desta vez, socorridos em Manila.

estalidos secos de uma Remington 1900, Henry James de um lado para outro no quarto, compondo “a tigela dourada” em voz alta para

a secretária.

profissionais da insatisfação os escritores, para a leitura: pouco ego, a cosmopista do cérebro não retém tudo, quando cego, o fim. Sartre. (um grão de sono sobre os olhos, lentamente, evaporando a realidade)

dias sem dormir, quantos não sei, o que vou fazer "se ocupe, não durma, será pior, você terá pesadelos insuportáveis, e essas vozes, loucas, perdidas, mentem", carbinoxamina. No fio da navalha, de um lado o inferno, do outro também. Beatrice: musa doce e tremenda, má.

comer o pão se desintegrando em grãos no cio da terra, vento nos cabelos trigais. No forno de barro, pão assado na folha de parreira, aroma de grãos: uva, trigo.

(grão de sono sobre os olhos

— psssch. Silêncio)

afastada do centro de alguma coisa, pragmaticamente, em seis minutos, muito profissionalmente, a educadora defende o protagonismo da invenção no ensino, sua imaginação permaneceu dormindo no dorso de um paladar,

(precisava de algo

sorvete de uva)

o governo transacionava as informações públicas como se fossem privadas. A obscena senhora D. descera sozinha a terra dos mortos, rutilar. Pinta-se com sépia uma desgraça, enquanto a senhora D. desce,

R.R. Soares ascende,

— medrar a igreja com canal de televisão,
proceder por tentativas,
uma delas,
não se sabe,
como no jogo de azar,
na matemática das possibilidades,
a cada jogada,
o inesperado.
desta vez,
cinco ou trinta,
ficar suado,
impaciente,
pegar o martelo,
não importa.

o trinco atravancava a passagem.

— tudo tem sua duração.

entre o sono e a vigília sinais de conversas, cochichos, coisas para serem ouvidas pela metade, guardadas em baús semiabertos, diretamente, por conta própria, as imagens chegavam ao sistema nervoso. A noite apagou os faróis,

— O que se passa?

no retrovisor, o escuro encantado da noite,
muitos anos antes: uma estrada ladeada por plantações, cavalo branco da mãe, cheiro de cânfora, outro cavalo, a menina de dois anos no colo do pai, pequenos córregos deslizavam pedrinhas

redondas, vagido da menina no animal assustado, dança dos pompons,

domingo de manhã,

redondamente amarelas, lentamente, a luz chama pai e a filha a seguir viagem,

(conservar-se imprevisto)

havia uma energia libidinal no presente imediato, se esvaindo no esperar a vez do protocolo, do xe-roux, do restaurante. O trabalho alterava os batimentos cardíacos do peixe no aquário, ao passar de um ao outro nas válvulas das sensações,

comidinha: ingressos gratuitos para festa, picolés, telões. No cenário artificial, a luz enfeita a pergunta morta do peixe-palhaço, as nadadeiras do jornalista no aquário. O escritor, mar. Era uma vez, no país Alefebey, Haroun fazendo uma história marina,

(sair pela porta escancarada do aquário)

— Vicente, o que se passa?

divergências vitais entre a caipirinha de vodca e o absinto tatuado no corpo. Se aventurava e se automatizava, extraviando os óculos, digerindo bem a conversa, a comida, os intrusos, o carro.

pintar com chuva e primulas a calçada,

inventar uma primavera, escorregando a tinta de água e ocre. Entre o medo e o desejo de caos sopram bolhas de som e imagem. Nas altas temperaturas, espera-se um pequeno desvio na forma do líquido, do sólido,

— no vidro, o sopro.

parados na tarja preta sonhos para além de si mesmo. A relação amorosa gasta, que nem conta bancária. Um dia o saldo acaba. A fila quer andar, as pessoas não. A cliente perturbada encontra o funcionário Celine: coloque a senha e morra. Amarfalharam-se, ela queria lavar a roupa suja,

ele continuar com a prosa sórdida.

— o que se passa comigo? Para o senhor Protógeses Queiroz não há sujeito oculto.

— se você fosse uma obra de arte,

— fonte: Duchamp

— reencarnação?

— em vespa

— uma música em especial?

— Joyce

— uma alegria?

arquejando suspiros no pescoço ladeado por parafusos, gôndola premida nos canais angustus, remando contra os enigmas corporais a chuva entrava janela adentro tirando o pesadume do corpo, vinte quilos a menos, esfolar os joelhos na calçada, deslizando certo nas coisas secas. Correr para a g árgula: entreato de uma tarde lânguida e cálida,

nas memórias de água cinza-prata, cinza-aço as vozes líquidas trinavam nuas de frio.

(precisava de algo

água de chuva)

o erotismo nas mãos, o dandismo nos anéis. Serpentes enrodilhadas,

súbita passagem para o desejo tátil,
palavras, fumaça de pólen.

fotografado em monólogo interior com os castiçais,
o livro equilibrando-se na borda do sofá,
um chapéu abandonado.

(precisava de algo
vertigem)

sombra verde-musgo no verde. Flora se transformando numa flor
sem cheiro. A estrada em serpentina, surpresa dos ruídos. Como se
fosse uma crise de labirintite, de um lado carros, do outro grilos,
grave, agudo, grave, agudo. Pane no aparelho vestibular. Coclear
barreado. Náusea. Ânsia existencial.

repouso nas bifurcações longe do equilíbrio,

(imagino um sentido que busca

imagino uma busca

em rotação)

hesitação -

silêncio

sumindo -

silêncio mais profundo

desabam -

silêncio de aniquilação

— Carmem Lisboa Trindade, eu?

— Flora!

(o desmaio é o simulacro da morte)

zonzeira na paisagem idílica. Santa Maria Dervixe. A vegetação em

frottage, as parasitas inclusive. A licenciosidade cresceu nas palmeiras imperiais, nos povos ameríndios, no rio de sombra doce, efigies para o escoamento do inconsciente. Imagens míticas recorrentes. Planetário de Deus: ave em posição frontal, asas abertas, coração no lugar do pom o-de-adão. Não aceitar o procedimento de apertar o botão do eletrochoque. Forças auto curativas da psique não compreendidas e os animais foram envenenados.

fruição estética,

desmontagem,

criação artística virgem, bruta, outsider.

(uma estuda a resiliência, a outra faz resistência)

saga: LER na cor de manteiga o capitalismo autofágico.

— jogar corpo-a-corpo com o destino.

jogar com o francês “incident”, expressando pausadamente,

— neblina, neve, sereno, folha caindo.

saveiro passando, pássaro piando,

sentia-se como um pássaro piando após a tempestade. Os olhos não mais tremiam ao pousar nas tilápias solares. Sensação de cair de costas no meio da rua. Acabou, como uma estrela de arremesso, saiu com o véu da meia esticada na perna.

— floração.

Flora, pensativa, acompanhava a agitação nas frestas, nos pequenos buracos da cerca. Abortar a vontade, domar o instinto. Duas semanas. “Se eu não tivesse tido a crise, não saberia que estava casada com Aldo Castro”. Logo seriam duas fêmeas sem desejo,

sem nariz,

— cala-te!

ele queria autonomia, ela intimidade,

conforto da rotina, escapar da previsibilidade,

transparência recíproca, mistério.

— pare de tentar me mudar.

— pare de me culpar por sua infelicidade.

tristemente familiar, a e estéril consulta ao veterinário. Havia uma pontinha de mistério no remédio de tarja preta,

(flor inodora, ele, ela, eu)

dias sem dormir, quantos não sei, o que vou fazer "se ocupe, não durma, será pior, você terá pesadelos insuportáveis e essas vozes, loucas, perdidas, mentem", atomoxetina.

no fio da navalha, de um lado o inferno, do outro também.

Flora: musa doce e tremenda, má.

deslizava seu enigma de fagulhas verbais,

aos poucos o leve farfalhar do saveiro diz, mas o que é dito escapa no branco-cambraia,

passou as noites em branco, zombando de si mesma,

beijar as axilas,

fazendo sair um dente de fogo.

seu enigma,

um ponto preto fareja a decifração, interrogando os efeitos colaterais e

não deixando o remédio ao alcance das garras e dos caninos.

(no lixo as flores de plástico)

veja as flores daquele vaso. A vida em sua expressão máxima. Vão perder toda a sua exuberância, mesmo assim são colhidas, preservadas, apreciadas. Uma rosa tristemente emoldurada para o nada. No vagar do ter sido afluam manchas de ferrugem no lilás da tulipa holandesa,

uma cor pinta o início do outono.

aquele filme, tão intenso, é triste. Por quê?

não há transformação,

— fugas de Bach

com a língua travada ela dizia

— rio, corda, veneno.

com uma vara de salgueiro espantava a morte. Eles querem morrer.

E morrem. Sete menos três, recusar a vida até chegar a cavalgada

da lua cheia. Um ar tépido imperceptível e misterioso trouxe para si

os frêmitos dos animais. Gotas de suor prata escorriam de seu rosto

pálido. A grande mancha negra tremia diante do brilho vítreo da

lua. Seu corpo piou como uma cotovia,

as árvores desenhavam silhuetas flutuantes nas ideias fixas.

borboletas noturnas,

sussurram.

— é simples. Não é simples.

pode ser simples.

no trote da vida pré-fabricada,

à noite.

— Carmem Lisboa Trindade, eu?

(entressorrindo: será?)

] - CARMESIM É UMA HISTÓRIA VERÍDICA? [

no meio do silêncio espaçoso da noite,
com o corpo à espreita, Carmem entreviu as agonias do ser,
quando a inteligência tornou-se uma sensação,
no branco das entrelinhas,
encontrou-se com Clarice naquela sala de jantar em que o filho
circulava a mesa dos convidados com o rosto nas mãos,
disse com simplicidade,
vamos dizer que uma pessoa estivesse gritando, outra coloca um
travesseiro na boca dela para não se ouvir o grito,
pois quando eu tomo rivotril,
eu não ouço o meu grito,
sei que estou gritando,
mas não ouço,
é assim,
disse ajeitando,
as pregas esquizofrênicas da saia,
a anfitriã, aparentando ignorar o fato, esqueceu o jantar.

agora sou eu que estou circulando, procurando um modo de extravasar o dizível para expressar o encontro das cordas vocais com a cor.

o diamante corta o vidro,

o verde jade, o lilás sonoro.

— e o brinco de uma única e modesta pérola é o violeta das joias.

isso é rivotril: eles a colocavam num táxi e a mandavam de volta aonde às vezes chegava dormindo profundamente.

é uma história verídica. Rivotril decorre de um estudo primoroso com resultado eficiente unindo universidade, indústria e mercado.

texto molhado não é rivotril, o texto deve ser branco e seco,

e agora?

tente fazê-lo passar de seco para ultra seco.

como?

tendo intimidade com a terra sem chuvas,

e agora?

tente almoçar sozinha, trocando o enfado pela fartura.

rivotril é contra indicado para pessoas irreverentes,

que saem do jantar antes de ser servido o prato de entrada,

que diz depois do chá, do vatapá, do telefonema,

— *na teoria é ótimo, mas na prática falha.*

a irreverência talvez escondesse uma frustração,

de não ser compreendida através da névoa da teoria.

névoa,

uma palavra,

não tem garantias,

faz descobrir o significado do que

faz sentido,

levantar outro dia,

com a alma lustrosa,

povoada por cavalos selvagens.

repintar as paredes,

flores e o vaso,

ruídos de prata,

os cristais,

a porcelana,

a toalha de linho,
o *dry* martini,
o gelo no balde,
a batida de limão,
o perfume carmesim,
a tortura da espera,
os convidados.
é um milagre tudo dar certo,
ser texto e verdade ao mesmo tempo,
uma planta, de uma semente seca,
inventar Deus, e ele existir,
e tudo o que eu posso dizer da metodologia ou da liturgia:
a criação é uma coisa absolutamente inexplicável,
regurgito uma gosma textual,
da mais louca união,
individual, coletiva e cósmica,
que aflora à superfície.

não me peça para justificar,
eu mesma desconheço,
a simbologia secreta de carmesim.
de um experimento ao outro,
talvez,
ser como a música,
não ilustrar,
contar uma história,
não figurar, sobretudo,
uma pesquisa sem
pulsção,
musical,
pictural,
chamo o carmesim pelo seu nome e ele passa a viver com sua dor,
cor,
sopro divino,
de Carmem ao carmim,

fez-se mulher
larval,
fugaz animal solto,
de inteligentes graças
espontâneas.
para romance das coisas,
orgias linguísticas,
subir à superfície,
do fundo da terra,
leve e morna,
carne viva,
rebuliços, saltos e sustos,
incandescentes.
em cada palavra,
de vidro,
o crestar
de um coração

vermelho-catedral.

no fio da navalha: isso é rivotril,

de um lado o inferno, do outro o averno.

o querer, não mais movido pela esperança,

pede água em jejum,

comida frugal,

o-vo,

u-va,

as primeiras tentativas

reveladas,

abelha e máquina de costura.

com esforço,

teço e destecoço,

tapeçaria,

sem graça,

prosa,

poesia.

— *se eu fosse um vencedor, morreria de tédio?*

recomeço, com uma nota musical grave, apertando o lápis no caderno,

abelha,

Picasso,

fugas vertiginosas das coisas,

faíscas de vida.

— você já tentou sensibilizar a língua para que ela trema e estremeça?

não, mas já vi fendas por onde passava uma língua livre,

e quem escrevia era uma bruxa,

usava poções mágicas,

de muito trabalho,

para fazer o símbolo da coisa,

ser a própria coisa,

assim: lis no peito

— *lírios que eu te ofereço, junto ao meu corpo as pétalas se crestariam.*

gosto de palavras,
de queimá-las
sutilmente,
correndo o risco
de não ultrapassar
a aridez do terreno,
um dia esgotada,
talvez,
a palavra viva escorrer
como a lava,
fervendo montanha abaixo,
sem querer,
coisificar.
— queria ter podido soltar um uivo escarlate para te acordar,
rivotril não é uma fatalidade,
o cigarro aceso incendiou o quarto, enquanto você dormia.
o grito rasgou as cortinas, a pele,

junto veio a dor da alma.

eu te compreendo,

todo o nascimento supõe

um rompimento,

medo de um fim trágico.

são lírios de alívio,

deleite,

e o rivotril,

— *embota um pouco o aço demasiado agudo da lâmina.*

estou de novo naquele estado,

no fio da navalha,

tão à beira de

comprar um vestido,

amarelo-doido,

eu sou indomesticável,

e no tempo não mensurável vive meu cão,

demolindo neurose, casa, crise,

— *ele só fica sendo. Ser é a sua atividade.*

apesar do cão, tenho um *objeto gritante*,

e agora?

o hexagrama trinta e dois do *I Ching* responde:

seria prudente escolher bem os amigos,

caso precisar introduzir

sorratamente,

cerveja caracu, *gurke*,

picles *Kosher*,

no preto-severo resguardo.

— *só estou triste hoje porque estou cansada. No geral sou alegre*

adulto é rivotril,

triste e solitário.

os anos,

desnudam,

o corpo,

sujo de gorduras e rugas,

o desencanto,
jamais admitido,
conserva o pudor,
a pintura da *principessa di Napoli* na parede.
sou alegre, uma criança
de ficções mágicas,
provisórias,
visionárias,
em breve estarei em casa
perto do abajur vermelho
tenho a *Vogue*,
o Gilles,
para realçar o louro
das minhas sobrancelhas,
os cílios postiços,
a boca carmina.
mais do que tudo,

quero ser atraente,
da carne à palavra,
de batom garance,
magra no vestido *Chanel*,
pérolas,
cabelos anelados,
olhar altivo, confiante,
na literatura como vida, vivendo.
pele quebradiça de fina textura
veio
do nada em direção à palavra.

]— CARMEM E A MORALIDADE DO MUNDO INUMANO[

estive na terceira margem,

entre a vida e a morte,

a pele crispada infeccionou. Três meses de branco-resguardo
mostrou o cru e a crueza das cicatrizes.

mesmo sabendo da minha impotência, presa à palavra, tentava
reagir diante da realidade inflexível.

vivo sem esperança de mudar,

sertralina, rivotril, anafranil,

o que quer que seja,

não muda nada.

— *você tem paz, Carmem?*

— *nem pai nem mãe.*

— *eu disse paz?*

— *paz? Quem é que tem?*

de um lado, o inferno,

do outro também,

no intervalo,

o fio da navalha
e os números,
nove, sete e cinco,
são regularidades cabalísticas para mim,
mistério fortuito da vida.
tenho um *objeto gritante*,
um cão chamado Dilermando,
que se finge de morto,
quando eu começo a latir,
fora do eixo,
no eclipse da razão,
meio mulher, meio fera.
durmo triste,
acordo contente,
puramente animal,
por ter esquecido
o dever de ser feliz.

quero descobrir em mim

uma gota d'água,

no árduo caminho.

apesar de estar meio perdida,

às voltas,

doente de lucidez,

fico então, sendo

como os cães, os gatos,

as feras.

quando era pequena não suportava o leite, quase vomitava o que
tinha que beber,

pingavam limão na minha boca,

quer dizer, eu sei o que é náusea no corpo todo, na alma toda.

ando horrivelmente desfibrada,

um bagaço,

sem gosto, fraca, inapetente,

nunca deveria ter deixado o país,

trocar um mistério por outro,

não estou tendo prazer em viajar,
o mundo todo é ligeiramente chato,
é a maior verdade,
importa estar junto de quem se gosta.
tenho uma gata de olhos claros e pensativos,
a Salomé,
aparentemente longínqua,
sou observada com calma autoridade,
os felinos são iguais em toda parte,
os cinemas,
os mesmos nomes,
Odeon, Bebel,
gente cheia de certezas e julgamentos,
é preciso conhecer, evidentemente, a pessoa embaixo da máscara,
— mas por mais protetora dos animais que eu seja, a tarefa é difícil.
nem tudo é lúgubre,
renasci outro dia,

quando um homem disse bem alto ao outro, ele queria que eu
ouvisse,

não, melhor não dizer,

eu fugi do riso,

do esplendor viril.

tudo ficou leve e confuso,

nunca saberei, pouco importa,

ter visto ou não, num piscar de olhos, um vaga-lume.

refleti, pela primeira vez, sobre o prazer,

de a claridade obscurecer,

de existir percepções sem pensamento.

há tanto tempo não lia poesia,

tive a impressão de ter entrado no céu, de ter estado no cosmos,

agora, Dilermando sabe quando eu estou lendo versos,

quando levanto o rosto com vontade de chorar,

ele ergue uma das orelhas e fica esperando,

mas eu não choro,

chorei uma vez, quando pequena,

o pinheirinho de natal ficou pronto,
as lágrimas me confortaram
de um temperamento excessivamente sensível,
mas eu não quero me consolar,
de ser alguém que vê demais.
diante do esplendor da árvore
fiquei sem nome e tudo que não tem nome é deus,
graça divina.
tenho uma alma doente, que não pode ser compreendida pelas
pessoas sãs, que não enxergam um *Merle Blue* no pinheiro verde.
quando Salomé morrer, espero que seja daqui a muitos anos,
vou ter outra gata,
vou chama-la de Bluma,
se ela for magra,
o nome, evidente, evoca leveza,
se for fofinha, conjura o paradoxo.
os animais são os melhores terapeutas,
isto é sertralina.

o cão, por exemplo, *é de uma paciência para com a natureza dele e para com a natureza incompreensível dos outros,*

o animal dentro de mim olha da janela a universidade,

fecho a boca com força,

cemitério de sensações,

desço ou subo,

passo semanas sem subir,

o homem nunca deixou de ser *uma corda, atada entre o animal e o além- do-homem - uma corda sobre o abismo, (...) ele é um passar e um sucumbir.*

tenho procurado distrações, estou estudando cálculo,

o abstrato tem me purificado,

acordo à noite para chorar,

espécie de solidariedade com as pessoas infelizes, cansadas da burocracia e seus automatismos, do falso corpo diplomático,

o Dilermando, o meu terapeuta, fica num silêncio cavernoso, quando estou sentada numa poltrona, sequer com um livro na mão, esperando as horas passar no Kirchenfeld,

o relógio suíço da parede.

gostaria de ter um aparelho matemático para medir todas as horas perdidas,

cara a cara com a esfinge,

com sua força

de cavalo selvagem.

queria tanto respeitar, inclusive o que é ruim em mim,

consigo, às vezes, respirar fundo o ar da primavera,

quando Bluma, ausente de si mesma, dorme nos gerânios vermelhos.

culpo-me por ser tão exigente,

de não aceitar a simplicidade encantadora da vida.

tenho vincos profundos na testa, preocupar-se,

um hábito, como de roer as unhas, disse pensando no jardim selvagem,

na Bluma tranquila entre as flores.

contudo, estou habituada, por temperamento, à ansiedade. Mas tomo sempre o cuidado para não perturbar a tranquilidade dos outros.

— Carmem, o que aconteceu?

— nada não, estou simplesmente cansada.

sou lenta, difícil,

estrangeira,

os amigos comentam meu modo de dirigir,

que o meu defeito, um defeito à toa, é não ligar muito para o tráfego.

talvez eu passe a impressão de estar sonhando acordada, de estar ligada em outra realidade que não a presente.

trabalho como dirijo: com indiferença.

o caos por trás de um véu de ordem, ameaçando a qualquer momento irromper a superfície diligentemente preservada,

com café e remédios de tarja preta,

presa por um fio, na linguagem em comum,

privada dos sentidos,

pareço uma idiota contente,

pensou o que pensou como se o cérebro não fosse feito para pensar, mas apenas para olhar.

a vitrine da vida passando.

coisas que preciso fazer:

encontrar um livro místico,
os cabalistas começam onde param os filósofos.
nove, sete, cinco.
cortar a crueza do mundo,
digo, se interessar a alguém, estou desiludida,
espetáculo deprimente,
ser forçada,
no meio da carreira, na meia-idade,
perder a visão exata das coisas medíocres.
alguma coisa se transmite pelo rosto,
tenho uma natureza esquiva.
de manhã,
bebo suco ácido.
com sinceridade contundente
deixo a vida fugir do controle,
sem arrependimentos,
seja como for,

ferro,

vidro,

sorriso,

grito,

números primos.

— *ter nascido me estragou a saúde.*

tenho exaurido até mesmo os amigos mais devotados,

ásperos cactos,

na voz

tropeço,

os pés não tocam a terra,

ceceio

com a ponta da língua entre os dentes,

a voz não cede à outra de eu mesma.

senti a beleza profunda da rebeldia,

o primeiro instante embriaga a alma, marca para sempre.

esta sou eu, eu falo assim, como se tivesse a língua presa.

sou tímida, mas tenho o direito de ter meus impulsos,
a luz do quarto da vizinha estava acesa, ela tem insônia,
bati à porta, entrei na cozinha,
água viva.

olhando os gatos em paz, dormir sem pai, sem mãe
fui perdendo o jeito de ser gente,
a vigília, enfim, na mesa falta,
não vivo insone,
mal consigo perdoar comida malfeita,
gosto da Rosa Cass e dos caminhos floridos,
de Rosengarten.

—você sabe quanto pesa uma pessoa que não tem força?

sim, o primeiro sangramento aconteceu na estrada, faltavam oitenta
quilômetros para chegar em casa,
tinha as escadas, nove, sete, cinco,
não lembro,
cheguei não sei como,
eu, eu, se não me falha a memória morrerei,

branca,
esvaída em sangue,
desesperada,
levantei-me da cama,
caminhei em direção à porta,
querendo sair do quarto,
a enfermeira impediu que eu saísse,
olhei com raiva, santo deus, com muita raiva,
— você matou meu personagem!¹

¹Fato que antecedeu à morte de Clarice Lispector, relatado por Olga Borelli In Clarice, uma biografia de Benjamim Moser, São Paulo: Cosac Naify, 2009.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Melhores Contos**. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Fragmentos: 8 histórias e um conto inédito**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Ontem não te vi em Babilônia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BACON, Francis. **Entretiens avec Michel Archimbaud**. Paris: Gallimard, 1996.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Trad. Leila Perrone-Moisés.)

BERNHARD, Thomas. **O imitador de vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Trad. Sergio Tellaroli.)

BORGES, Jorge Luis. **Sobre a amizade e outros diálogos**. São Paulo: Hedra, 2009. (Trad. John Lionel.)

CARRERO, Raimundo. **Os segredos da ficção: um guia da arte de escrever narrativas**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CASARES, Adolfo Bioy. **A invenção de Morel**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. (Trad. Samuel Titan Jr.)

_____. **Histórias fantásticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. (Trad. José Geraldo Couto.)

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1994. (Trad. Alberto Campos.)

DICKINSON, Emily. **Não sou ninguém**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. (Trad. Augusto de Campos.)

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Um jogador**. São Paulo: Ed.34, 2004. (Trad. Boris Schinaiderman.)

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1997. (Trad. Carlos Nejar.)

DURAS, Marguerite. **O homem sentado no corredor; A doença da morte**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. (Trad. Vadim Nikitin.)

FANTE, John. **Sonhos de Bunker Hill**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Trad. Marilene Felinto.)

_____. **Pergunte ao pó**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (Trad. Marilene Felinto.)

FÉRAL, Josette. **Encontros com Ariane Mnouchkine**: erguendo um monumento ao efêmero. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. (Trad. Marcelo Gomes.)

FOUCAULT, Michel (org.). **Eu, Pierre Revière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio no século XIX.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. (Trad. Denise Lezan de Almeida.)

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Trad. Denise Bottmann.)

GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. São Paulo: Cosac Naify, 2000. (Trad. Célia Euvaldo.)

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão.)

GONZÁLEZ, Ernesto Bermejo. **Conversas com Cortázar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Trad. Luís Carlos Cabral.)

JOYCE, James. **Giacomo Joyce**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Trad. Paulo Lemisky.)

LE GLÉZIO, J.M.G. **Refrão da fome**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. (Trad. Leonardo Fróes.)

_____. **O africano**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. (Trad. Leonardo Fróes.)

_____. **Diego e Frida**. São Paulo: Página aberta Ltda, 1994. (Trad. Lúcia B. M. e Silva; Paulo M. Kuhl.)

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: LP&M, 2009. (Trad. Guilherme da Silva Braga.)

MALLARMÉ, Stéphane. **Rabiscado no teatro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Trad. Tomaz Tadeu.)

MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MISHIMA, Yukio. **O pavilhão dourado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trad. Shintaro Hayashi.)

_____. **Mar inquieto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trad. Shintaro Hayashi.)

MOSER, Benjamin. **Clarice**, uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2009. (Trad. José Geraldo Couto.)

OZ, Amós. **Cenas da vida na aldeia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Trad. Paulo Geige.)

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Trad. Maria Luisa X. de A. Borges.)

RILKE, Rainer Maria. **Cartas sobre Cézanne**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. (Trad. Pedro Sússekind.)

ROTH, Philip. **Entre nós**: um escritor e seus colegas falam de trabalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Trad. Paulo Henrique Brito.)

SALZSTEIN, Sônia. **Diálogos com Iberê Camargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SCHULZ, Bruno. **Lojas de canela**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. Henryk Siewierski.)

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Iberê Camargo**: origem e destino. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. (Trad. Maria Teresa Resende Costa.)

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Trad. Tomaz Tadeu.)

STEIN, Gertrude. **Três vidas**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. (Trad. Sônia Coutinho)

TOMAZ, Tadeu; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TOSCANA, David. **O último leitor**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. (Trad. Ana Lúcia Pelegrino, Magali Pedro.)

WOOLF, Virginia. **Contos completos**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. (Trad. Leonardo Fróes.)